UNAERP - UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

ANDRÉ VENTURA BETTARELLO

FAZENDO JORNALISMO INTERNACIONAL: UM ESTUDO DO PERCURSO DA NOTÍCIA

RIBEIRÃO PRETO
2022

JORNALISMO

ANDRÉ VENTURA BETTARELLO

FAZENDO JORNALISMO INTERNACIONAL: UM ESTUDO DO PERCURSO DA NOTÍCIA

Monografia de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.ª Me. Elivanete Ap. Zuppolini Barbi

RIBEIRÃO PRETO

2022

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

BETTARELLO, André Ventura, 2001-
B565f Fazendo jornalismo internacional: um estudo do percurso da notícia / André Ventura Bettarello. – Ribeirão Preto, 2022.
94 f.

Orientador: Prof.ª Me.ª Elivanete Ap. Zuppolini Barbi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2022.

1. Correspondentes estrangeiros. 2. Agências de notícias. 3. Trabalho autônomo. II. Título.

CDD 070

Aos futuros estudantes de jornalismo, que têm a mesma aspiração de seguir carreira fora do país na área, dedico este estudo. Que ele possa ser uma fonte de orientação em sua jornada, assim como foi para mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado durante esses anos de curso.

À minha orientadora por apreender minha ideia, auxiliando e guiando-me até a conclusão deste trabalho. Muito obrigado.

Às pessoas importantes da minha vida que me ouviram, incansavelmente, falar deste projeto com brilho no olhar. Obrigado a cada um de vocês por acreditarem em mim e me encorajarem a continuar.

Alguns homens vêem as coisas como são, e dizem 'Por quê?' Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo 'Por que não?'

(Geroge Bernard Shaw)

RESUMO

O jornalismo internacional é intrínseco à própria natureza do jornalismo, tendo sido utilizado desde o início para transmitir notícias mercantis a locais distantes. Com a globalização, a quebra das barreiras geográficas e o surgimento da internet, as notícias passaram a ser transmitidas de forma mais rápida em todo o mundo e, após tragédias globais, esse tipo de jornalismo passou a receber mais destaque. No entanto, pouco se fala sobre essa prática nas universidades brasileiras. Por isso, o presente estudo se propôs a esclarecer como ocorre o processo de produção de notícias internacionais, para compreender essa estrutura de produção jornalística e suas implicações, na prática. Além disso, buscou-se entender como as agências de notícias, enquanto instituições, se encaixam nesse processo, esclarecendo as diferentes formas de intermédio das coberturas jornalísticas entre os locais onde os fatos ocorrem e o público dos diferentes veículos de mídia. O método de pesquisa utilizado foi a revisão bibliográfica dedutiva, com base em publicações preexistentes e experiências no dia a dia do jornalismo, seguida de cinco entrevistas em profundidade com profissionais da área de jornalismo internacional, incluindo correspondentes internacionais, repórteres e empreendedores que atuam fora do país. Os resultados obtidos confirmaram o que foi proposto no início do estudo, mostrando que o processo de produção de notícias internacionais é semelhante ao experimentado no Brasil, embora em escala mais ampla. Além disso, foi possível perceber indícios de culturas nacionais que não são perpetuadas no exterior, como a cultura do apadrinhamento nas redações e da desvalorização dos profissionais e dos veículos de comunicação. Por fim, foi possível compreender mais sobre o novo modelo de contratação de profissionais internacionais, conhecidos como "*stringers*", que agora trabalham como freelancers.

Palavras-Chave: Correspondente Estrangeiro; Agências De Notícias, Freelancer

ABSTRACT

International journalism is intrinsic to the nature of journalism itself, having been used since the beginning to transmit mercantile news to distant places. Thru globalization, the breaking of geographical barriers and the emergence of the internet, news has been transmitted more quickly around the world and, after global tragedies, this type of journalism has received more prominence. However, little is talked about this practice in brazilian universities. Therefore, the present study aims to clarify how the process of producing international news occurs, to understand this structure of journalistic production and its implications in practice. In addition, we sought to understand how news agencies, as institutions, fit into this process, clarifying the different forms of intermediate between journalistic coverage in the places where the facts occur and the public of different media outlets. The research method used was deductive bibliographic review, based on publications and previous experiences, followed by five in-depth interviews with professionals in the field of international journalism, including international correspondents, reporters, and entrepreneurs working abroad. The results obtained confirmed what was proposed at the beginning of the study, showing that the process of producing international news is similar to that experienced in Brazil, although on a larger scale. In addition, it was possible to perceive indications of national cultures that are not perpetuated abroad, such as the culture of sponsorship in newsrooms and the devaluation of professionals and media outlets. Finally, it was possible to understand more about the new model of hiring international professionals, known as "stringers", who nowadays work as freelancers.

Keywords: Foreign Correspondent; News Agencies, Freelancer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

1. O JORNALISMO INTERNACIONAL **14**

2. O PERCURSO DA NOTÍCIA **16**

2.1. Primeiro Momento: Atacadista 16

2.2. Segundo Momento: Atacadista 19

2.3. Terceiro Momento: Varejista 23

3. AS AGÊNCIAS **25**

3.1. Chegada ao Brasil 28

3.2. Principais Agências de Notícias da Atualidade 29

3.2.1. Associated Press (Ap) 30

3.2.2. Reuters 31

3.2.3. Agência de Notícias Espanhola (EFE) 32

3.2.4. Agence France-Presse (AFP) 32

4. EM CAMPO **35**

4.1. Os jornalistas entrevistados 36

4.1.1. Joel Silva — Fotojornalista 36

4.1.2. Igor Ramos — Jornalista 36

4.1.3. Isabela Nascy — Jornalista 37

4.1.4. Yan Boechat — Repórter 37

4.1.5. Patricia Vittorazzi — Jornalista 37

4.2. A experiência de quem já viveu 38

CONSIDERAÇÕES FINAIS **46**

REFERÊNCIAS 48

APÊNDICE **51**

INTRODUÇÃO

O jornalismo nasceu internacional. Os primeiros registros de jornalismo apontam para um tempo em que as publicações eram usadas para levar notícias a respeito das operações mercadológicas para terras distantes. Em um mundo globalizado, as informações sobre os acontecimentos em todo o planeta passaram a transitar ainda mais rápida e intensamente, sendo a editoria internacional alocada nas principais páginas, chamadas e homepage dos diversos veículos jornalísticos,

Apesar desta importância, muito se perdeu dessa editoria em decorrência da crise econômica que assolou as empresas jornalísticas e restringiu o número de correspondentes e sucursais estrangeiros. Mais recentemente, no entanto, a pandemia de COVID-19 e a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, entre outros acontecimentos em escala global, vieram escancarar a importância dessa editoria no dia a dia da população.

Com o advento da globalização, a diminuição das fronteiras geográficas e o estreitamento do mundo devido à rapidez proporcionada pelas tecnologias de informação e comunicação, a produção jornalística passou a ser conduzida em escala industrial. Dessa forma, o consumo de notícias, que segregava o operário não alfabetizado nas páginas dos periódicos do burguês ilustrado, se transformou. Para esse mesmo burguês, a notícia não era apenas entretenimento, mas sim uma ferramenta que capacitava sua inserção na economia, segundo Natali (2004, p. 30). Apesar de a notícia hoje ser vista como insumo, produto e produtor democrático, não era este o intuito em meados do século XIX. Mesmo assim ainda foi de extrema valia para o modelo de jornalismo que conhecemos hoje.

No cotidiano das redações, existe um marco muito importante na definição dos diferentes momentos históricos de produção do jornalismo internacional, que foram a instalação dos cabos de telégrafo e a invenção do trem. Segundo explica Natali (2004, p. 30), esses acontecimentos tiveram maior impacto na produção jornalística que do advento dos computadores e da Internet porque romperam drasticamente com a barreira do tempo de entrega das notícias, que antes era um fator determinante.

Anterior a esses dois recursos técnicos, não existia jornalismo internacional factual no Brasil, pois as notícias chegavam de navio, demorando até seis semanas

para alcançar o solo tupiniquim. Além disso, grande parte dos imigrantes presentes no país, era fluente em francês e consumia previamente os periódicos vindos da França.

Naquele momento histórico, o jornalismo internacional existia apenas como forma primitiva, com os corantos[1]. Natali (2004, p. 24) aponta a presença de relatos impressos anteriormente a estes, mas reitera que o fator que os estabiliza como jornalismo é a periodicidade e o compromisso com a publicação, que até então não existia. Nesse mesmo período, as agências de notícia estavam estabilizando suas operações e, com esses dois marcos históricos nas comunicações, elas emergiram, impulsionadas pelo crescimento industrial que propiciou o rápido desenvolvimento da imprensa e dos meios de transmissão de mensagens por volta de 1830, como explica Carvalho (2020, p. 124).

Ainda que dificuldades tenham restringido a efetividade da Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (Nomic), criada na década de 1970, muitos dos problemas e as necessidades acabaram sendo supridos com as novas tecnologias. Com a aceleração da globalização e o apagamento das fronteiras geográficas, quando pensamos na gigantesca rede que é a internet, houve um equilíbrio nas comunicações, com a diminuição das desigualdades entre países de primeiro, segundo e terceiro mundo. Para Aguiar (2008, p. 9), as tecnologias da informação formaram uma malha de alcance global, descentralizada, desterritorializada, desarborizada e ilimitada quanto ao seu potencial informativo.

No entanto, apesar da velocidade proporcionada pela internet, a notícia ainda percorre um caminho longo e complexo até chegar ao receptor. O fluxo comunicacional internacional da notícia inclui a apuração, captação, produção e distribuição em rede. Mas, esse caminho é padronizado em todas as agências? Dentro desse processo, as agências de notícias têm um papel muito importante de gerenciamento do conteúdo na teia de conexões focada em levar informação de valor para as mais diversas regiões do mundo, fazendo se concretizar a razão de existir da profissão jornalista.

> Historicamente, a função das agências de notícias na engrenagem do cenário midiático era levar para os veículos jornalísticos informações

[1] Nome aplicado a panfletos periódicos publicados entre 1621 e 1641 contendo informações estrangeiras retiradas de jornais estrangeiros. Oxford Reference.

> que tais empresas não poderiam obter por conta própria, diante de entraves como a distância geográfica e a indisponibilidade de recursos financeiros, tecnológicos e/ou humanos. (CARVALHO, 2020, p. 122)

As agências se firmaram por proporcionarem a exposição e repercussão de fatos acontecidos, fora da área de cobertura dos jornais locais, tornando as publicações mais complexas e dinâmicas.

Muito além da teia de conexões, as agências proporcionaram viabilidade econômica para o noticiário internacional. Uma matéria distribuída a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência tem um custo muito mais baixo do que um conteúdo produzido por um correspondente ou enviado especial pago inteiramente por um jornal, ou por uma revista, segundo Natali (2004, p. 31). Para não restarem dúvidas, a internet e as agências de notícias não substituem a presença de um correspondente na produção, mas hoje em dia esse cargo se tornou um diferencial da editoria internacional.

A partir da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo sobre o trabalho de agências de notícias e correspondentes internacionais, este estudo aspira elucidar como se dá o percurso da notícia internacional, de modo a entender essa estrutura de produção jornalística e suas derivações para, posteriormente, aplicá-la, na prática. Além disso, dada à falta de estudos no Brasil sobre esse campo, o presente trabalho tem como um de seus objetivos entender como as agências de notícias, enquanto instituições, se encaixam neste percurso, esclarecendo as diferentes formas de intermediação entre as coberturas jornalísticas nos locais onde os fatos acontecem e o público dos diferentes veículos de imprensa.

Em virtude de contar apenas com um pequeno número de estudos sobre o tema atualmente, a pesquisa pretende ser embasamento teórico de aprendizagem e enriquecimento do conhecimento acerca do jornalismo internacional para estudantes de Jornalismo que querem seguir essa especialização, atuando como correspondentes ou em agências de notícias. Sendo essa especialidade ou editoria jornalística pouco abordada nas universidades brasileiras, nas graduações da área, ao desvendar o fluxo da notícia nas agências internacionais, estudantes e jornalistas que pretenderem se aprimorar nesse setor podem recorrer a este estudo, absorvê-lo e executá-lo com facilidade, podendo atuar como subsídio para um futuro guia ou manual de jornalismo internacional.

Para desenvolver este estudo, em um primeiro momento, o método de pesquisa utilizado pelo presente trabalho é descritivo, utilizando técnicas de coleta e análise das informações, através de revisão bibliográfica dos materiais existentes sobre o jornalismo internacional e as agências de notícias.

> Num sentido restrito, [pesquisa bibliográfica] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (DUARTE; BARROS, 2011, p. 51)

O percurso da notícia foi dividido em três momentos: o trajeto anterior à agência de notícias (do momento que o fato acontece até se transformar em notícia); durante a passagem do fato pelos procedimentos internos da agência de checagem e padronização; e após ser distribuído para os diversos veículos de comunicação, chegando ao consumidor final.

De acordo com Duarte e Barros (2011, p. 26), a pesquisa descritiva não busca enumerar ou medir eventos e, muitas vezes, é menos valorizada por seu caráter redutivo, mesmo sendo indispensável na construção de todo estudo acadêmico.

O método utilizado para a primeira parte do estudo é a revisão bibliográfica de caráter dedutivo, pois traça um percurso da notícia, nos três momentos descritos acima, embasado nos estudos bibliográficos realizados e preenchendo as lacunas existentes com base nos conhecimentos adquiridos na graduação e no mercado de trabalho, novamente, assumindo caráter de suposição. O estudo se aprofunda no assunto de modo a comprovar essas suposições, em um segundo momento, com entrevistas realizadas com profissionais da área de jornalismo internacional, como correspondentes internacionais, repórteres e empreendedores que exercem o jornalismo fora do país.

A realização de entrevistas foi pertinente, pois pouco se discute sobre jornalismo internacional na universidade e, o estudo pretende ir além das bibliografias, adentrando o campo da pesquisa em profundidade para colher as informações e análises diretamente com profissionais que estão em atividade, praticando o ofício.

> A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da existência subjetiva de uma fonte,

> selecionada por ter informações que se deseja conhecer. (DUARTE; BARROS, 2011, p. 62)

Aguiar (2008, p. 13) se espanta com a falta de pesquisas no âmbito do jornalismo internacional e coloca em pauta a discussão sobre o não tratamento desse campo como área estratégica na pesquisa brasileira, mesmo com os avanços das tecnologias e apesar da globalização.

O objetivo do estudo de se tornar referencial teórico para um guia prático de jornalismo internacional está diretamente ligado ao levantamento junto aos profissionais da área, tornando-o mais verídico e próximo à realidade. Além disso, a escolha de profissionais que atuam em diversas áreas e formatos de jornalismo fora do país, como correspondentes de agências, fotojornalistas, empreendedores e repórteres, corrobora o objetivo de apresentar diversos caminhos aos estudantes em formação, com a finalidade de elucidar a editoria pouco apresentada no Brasil.

1. O JORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo internacional nasceu com a divulgação de acontecimentos mercantis para as mais distantes colônias do mundo, mas começou a trilhar seu caminho rumo ao que conhecemos hoje com os Függer, uma importante família germânica de banqueiros e mercadores que, durante o período do Sacro Império Romano-Germânico, entre o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, incluindo o Renascimento, vendiam *newsletters*[2]. Eles escreviam e enviavam detalhes do mundo financeiro para conglomerados econômicos de interesse, alimentando-os com informações relevantes para o mercado.

Posteriormente, o jornalismo internacional que, até então, era exclusivamente econômico, mercantil e "solto", ou seja, sem periodicidade ou comprometimento com a publicação, rompe a bolha social, se torna democrático.

> Ocorreu, na época mercantil, o florescimento rápido dessas folhas de notícias impressas que eram vendidas a quem quisesse comprar e não mais circulavam dentro de um mesmo conglomerado comercial e financeiro, como acontecia com a casa Függer ou outras que eventualmente tenham seguido seu exemplo (NATALI, 2004, p. 22).

Por consequência, a prática trouxe consigo a censura. Natali explica que, em sua criação no século XVII, a imprensa independente do governo teve uma vida muito curta e, logo, a censura foi instaurada.

> Temos todos uma visão da censura baseado em critérios políticos e éticos que nos são contemporâneos. É uma visão mais que correta, numa raiz constante de nossa indignação. [...] Acreditamos, com razão, que o direito à informação é um direito universal. Dele depende o exercício da cidadania, há nele uma das bases para a legitimidade das decisões dos governos e para a aceitação consensual das normas impessoais que teoricamente tem como origem o estado. É, portanto, compreensível nosso susto ao notar que a censura não é algo tão recente assim. Que ela se encontra nas raízes históricas do jornalismo e, de um modo mais específico, do noticiário internacional. (NATALI, 2004, p. 25)

---

[2] Também conhecida como boletim informativo, trata-se de uma publicação com conteúdo, periodicidade, linha editorial e comunicação visual atrativa. Possui muitos elementos de jornais e revistas, pode ser também impressa, mas atualmente é mais utilizada na forma eletrônica, enviada por e-mail. (Fonte: Profissional de E-commerce. Disponível em: https://www.profissionaldeecommerce.com.br/o-que-e-uma-newsletter-e-como-funciona/. Último acesso em: 28 set. 2022.

Com o fim da censura em diversos países, essa modalidade de jornalismo recebeu a oportunidade de se desenvolver, criar suas próprias práticas e, inclusive, adquirir maus hábitos. Aguiar (2008, p.15) aponta uma divergência entre a categorização do jornalismo internacional nos veículos impressos do Brasil. Na maior parte dos casos, adota-se a definição geográfica para colocar uma matéria na seção Internacional do jornal, porém, quando há envolvimento do país, essa matéria acaba em Política Nacional ou Economia. O autor ainda complementa que "Jornalismo Internacional é, assim, uma especialização jornalística cuja definição é, por natureza, relativa" (AGUIAR, 200, p. 17).

Mesmo com todas essas mudanças na Nova Ordem Mundial de Comunicação e Informação e as grandes tecnologias que surgem para facilitar o exercício da profissão de jornalista, o jornalismo local ainda se comporta de forma distinta e assimétrica, refletindo ainda o fator socioeconômico do país. Aguiar (2008, p. 9) explica que o jornalismo local segue na contramão do que se é discutido em escala mundial e as grandes redações brasileiras continuam dependendo de material fornecido pelas agências de notícias e veículos estrangeiros para introduzir o jornalismo internacional na pauta.

Como a cobertura mundial acontece em diversos fusos horários, muitas coisas acontecem na hora do fechamento, por isso as redações adotam a prática de esperar a notícia chegar, e o principal meio são as agências. As agências tiveram e ainda têm um papel extremamente importante nesse desenvolvimento e, segundo Aguiar (2008, p. 31). "É consenso que a principal fonte de pautas para as editorias de Internacional continuam sendo as agências".

Com a somatória dessa força, o noticiário internacional se tornou importante. Assim, é uma das editorias de destaque, com chamada, na página *home* de todos os portais de notícias nacionais que possuem credibilidade, além de ser destaque na primeira página de todo jornal ou revista impressos. Ainda hoje, e principalmente com os eventos em escala global que aconteceram nos últimos três anos, como a pandemia de COVID-19 e guerra entre a Ucrânia e Rússia, o noticiário internacional ganhou ainda mais relevância e visibilidade.

2. O PERCURSO DA NOTÍCIA

O percurso da notícia no jornalismo internacional se faz em três momentos. Portanto, para analisar o caminho percorrido pela notícia, do momento em que o fato acontece, sua passagem pela agência de notícias internacional, à distribuição, o recebimento pelo consumidor final de forma acurada, é necessário analisá-los separadamente. Além dessa divisão, será utilizada a linha de raciocínio de Boyd-Barret (apud. Esperidião, 2011, p. 107) que categoriza as produções em atacadistas, quando produzidas para veículos de comunicação, e varejistas, quando se direcionam ao consumidor final. “Os atacadistas costumam orientar os varejistas sobre as tendências e o modo como disponibilizam os produtos estrategicamente para atrair o consumidor” (ESPERIDIÃO, 2011, p. 107).

A primeira diferença da editoria internacional para as demais se caracteriza pelo momento da pauta[3], procedimento padrão na rotina do jornalista em que são definidos os assuntos que serão abordados no dia seguinte. Enquanto profissionais de cultura, esportes e entretenimento pautam suas matérias e decidem os assuntos que serão tratados no jornal, o profissional de internacional tem uma agenda de pautas em branco e fica aguardando, vigilante, o acontecimento para pautá-lo e, em seguida, cobrir tal evento. Esse jornalista atua vasculhando informações locais da sua área de cobertura a fim de encontrar uma notícia viável para a publicação, e agir nela. Ao contrário do percurso padrão da notícia, a pauta em Internacional é elaborada posteriormente ao acontecimento.

2.1. Primeiro Momento: Atacadista

No primeiro momento do percurso, de caráter atacadista, do fato até à agência de notícia, o repórter recebe a informação do acontecimento, seja vasculhando os periódicos locais ou através da rede de fontes confiáveis adquiridas por meio de contatos em sua área de cobertura. A partir desse momento, o redator trabalha em construir uma pauta detalhada, apurar essa pauta e pesquisar mais sobre o ocorrido,

[3] A pauta jornalística apresenta informações básicas para a execução da matéria, com um cabeçalho com: nome do redator da pauta, data e retranca. (Fonte: Academia do Jornalista. Disponível em: https://www.academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalistico/como-fazer-uma-pauta-jornalistica/. Acesso em: 20 jun. 2022.)

para posteriormente realizar a cobertura jornalística e produzir materiais para os mais variados formatos de mídia.

> A etapa mais polêmica de produção das agências diz respeito à prospecção da informação em primeira instância: no jargão jornalístico, a apuração. Só depois dessa fase virão os momentos de captação, tratamento e transmissão. (ESPERIDIÃO, 2011, p. 115)

A decisão por esse ou aquele acontecimento para construir e apurar a pauta, primeira etapa do processo de produção da informação, já é revelador tanto da abordagem editorial quanto de possíveis parcialidades no tratamento da mesma. Existe uma grande controvérsia a respeito da imparcialidade do jornalismo internacional, principalmente das agências, por conta da utilização de outros veículos de comunicação como fonte.

O debate colocado em questão seria se o jornalismo internacional não seria de ‘segunda mão’, à medida que se baseia em outras publicações, carregadas de pontos de vista e opiniões, para iniciar a definição da pauta e a produção da notícia. “As agências assumem percepções construídas por uma elite econômica e política, concentrada nas capitais e grandes cidades”, explica Fenby (1986, apud. ESPERIDIÃO, 2011, p. 115).

Aguiar (2008) complementa o ponto de vista de Fenby (1986), mas colocando como responsabilidade do jornalista se atentar aos discursos preconceituados.

> Ao trabalhar com ‘apuração a distância’, o Jornalismo Internacional apresenta uma tendência ‘natural’ a pré-mediatizar o trabalho jornalístico (via apuração por outras mídias); realizando uma permanente polifonia e reproduzindo discursos sobre discursos de outrem. Neste processo, corre permanente risco de negligenciar contextos, deslocar declarações e perenizar visões pré-concebidas (AGUIAR, 2008, p.19)

O autor argumenta que com a apuração a distância é inegável a recorrência aos veículos estrangeiros que já deram a notícia, afinal, jornalismo internacional nem sempre é sobre o furo. Mas, o jornalista desta editoria deve se atentar para não tomar as palavras de outro jornalista como verdade e perpetuar um discurso enviesado. Além do risco de propagar informações falsas, como explica Esperidião.

> No compartilhamento entre os correspondentes de agências e os veículos regionais ou locais, há um risco iminente dos jornalistas chegarem ao ponto mais comprometedor e delicado do processo de apuração intermediada e mediatizada por outrem: rebater uma informação coletada arbitrariamente. (ESPERIDIÃO, 2011, p. 118)

Após apurada, a pauta segue para a produção. Usualmente, os correspondentes internacionais, de veículos ou agências, são trabalhadores solitários e conduzem toda a produção em uma *'euquipe'*[4]. Essa realidade somente se agravou com a tendência de *downsizing*[5] das redações espalhadas pelo mundo. Mas, no jornalismo internacional, o "enxugamento" das redações é uma realidade há anos e perpetua até hoje, como explica Esperidião sobre a *AP Television News* (APTN), braço televisivo da agência de notícias, *Associated Press.*

> Esse perfil multifuncional do jornalista de agência fica muito mais claro na camada produtiva de captação da informação. A APTN está mais inclinada a contratar e manter em seus quadros aquilo que define como *one man crew* ou *news person*, o profissional encarregado de apurar, filmar, entrevistar, editar e enviar uma reportagem." (ESPERIDIÃO, 2011, p. 120)

No início, as agências de notícias tinham o papel de diminuir os custos de cobertura no exterior. Para Aguiar (2008, p. 11), esse movimento era inevitável, pois o *downsizing* das redações se reflete diretamente em cortes de trabalhadores, a começar pelos profissionais que são mais caros — entre eles, o correspondente internacional. Antigamente, os custos de se manter um correspondente internacional eram exorbitantes, uma vez que passagem, hospedagem, alimentação e quaisquer eventuais gastos eram pagos pelo veículo de comunicação, inclusive dos correspondentes fixos, que moravam em suas áreas de cobertura. Natali (2004, p. 31) completa que as agências de notícia deram viabilidade econômica para o noticiário internacional.

Com o advento da internet, os jornalistas de internacional puderam assumir papéis mais ativos na busca por novas informações e pontos de vista complementares a respeito do assunto que chega nos telegramas das agências. Seguindo as tendências do jornalismo, os correspondentes geralmente pensam seu conteúdo para

---

[4] Junção das palavras "eu" e "equipe" para representar um profissional solo que realiza todas as atividades de uma equipe.

[5] Redução no número de pessoas que uma companhia emprega. Collins Dictionary.

ser multiplataforma, ou seja, o mesmo assunto se deriva em várias produções: uma matéria escrita para o site, uma reportagem para a televisão, uma nota para um jornal e um post para as redes sociais. Para Natali (2004, p. 57) “passou-se a exigir mais dos redatores das editorias internacionais. A demanda por uma melhor qualificação cresceu consideravelmente”.

Outro destaque que diferencia essa editoria das demais é a generalidade. É de praxe no meio jornalístico dizer que o profissional de Inter[6] é especialista em generalidades, pois precisa cobrir saúde, economia, esporte, lazer e até entretenimento se for preciso.

> O Jornalismo Internacional conta com a particularidade de variar seu objeto de interesse de acordo com a procedência nacional do repórter que apura e com a localização (física; geográfica) do veículo ao qual a matéria se destina. (AGUIAR, 200, p. 17)

A variação de seções para uma mesma matéria ou produção torna o jornalismo internacional mutável e subjetivo quando comparado a outras editorias mais rígidas, à medida que pode se encaixar em diferentes lugares. Um assunto local para um país é internacional para os demais, por exemplo.

2.2. Segundo Momento: Atacadista

Continuando no percurso da notícia no jornalismo internacional, o profissional traz todo o material coletado para a agência de notícias.

> Agências de notícias são empresas especializadas em coletar informações de interesse jornalístico dispersas, formatá-las como notícia e redistribuí-las para assinantes – veículos de imprensa que são seus clientes comerciais e pagam para ter direito a publicar o material recebido.” (AGUIAR, 2008, p. 22)

As agências de notícias são muito importantes para o jornalismo porque eram — e, em muitos casos, ainda são — os únicos meios de ter acesso a informações sobre fatos ocorridos em várias localidades do mundo, como explica Aguiar.

---

[6] Abreviação de Jornalismo Internacional utilizada no jargão jornalístico das redações.

> Genericamente, agências internacionais de notícias seguem um sistema básico de produção e circulação da informação: mantendo uma ampla rede de correspondentes fixos e colaboradores eventuais (denominados *stringers*, no jargão) baseados em cidades estratégicas para cada país ou região, elas determinam a abrangência geográfica (e temática) para cada um, de forma a cobrir praticamente todas as áreas do planeta. (AGUIAR, 2008, p. 26)

As agências de notícia têm suas categorias e cada uma delas serve a um propósito. Para Aguiar (2008, p.28), as agências podem ser classificadas em quatro categorias: privada, pública, estatal e alternativa, sendo a última, as agências que trabalham com fins definidos, atendendo ONGs, entidades diversas, governos ou instituições que têm interesse em disseminar informações internacionalmente para influir na formação de opinião. Por exemplo, a estatal chinesa Xinhua que está diretamente ligada ao Departamento de Propaganda do Partido Comunista Chinês. Ela tem o papel de disparar na mídia local e internacional aquilo que o governo pensa ou seu olhar sobre um acontecimento.

Para finalizar este tópico, Esperidião (2011, p. 109–110) ainda explica que existem três formas de uma notícia ser repassada para as agências e posteriormente distribuídas ao consumidor final. A primeira delas é através das produções próprias das agências, com equipes exclusivas, repórteres e cinegrafistas espalhados pelo globo. A segunda maneira se faz através do recebimento de imagens e materiais através dos parceiros da agência que, geralmente, são clientes grandes com maior abrangência mundial e mais recursos. Por fim, a terceira maneira é através de materiais cedidos ou comprados de outras emissoras comerciais, públicas ou produtoras de vídeo, os chamados *uppicks*.

Nesse segundo momento, ainda de caráter atacadista, a notícia, seja ela em qualquer formato, passa por diversos processos internos dentro da agência de notícias com o propósito de ser distribuída ao nível global. O primeiro, e mais óbvio de todos, é a construção da notícia, ou como coloca Esperidião (2011, p.107) na transmutação do acontecimento em notícia, ou no caminho de matéria-prima à ‘embalagem’.

A internet permite hoje que o correspondente internacional tenha acesso ilimitado a diversas fontes de informação e especialistas. “É uma ferramenta barata e de extrema maleabilidade para buscar opiniões de especialistas e informações que contextualizam a matéria bruta que as agências nos entregam”, explica Natali (2004,

p. 58). A acessibilidade a fontes, personagens, pontos de vista e versões ficou mais fácil, permitindo um jornalismo mais abrangente e inclusivo na construção da notícia, completa Aguiar (2008, p. 11).

Um ponto importante de se ressaltar é que o jornalismo internacional produzido pelas agências de notícias visa ser neutro, no sentido de enfocar vários lados, apresentar diversos pontos de vista, por dois motivos. Primeiro, por ser amplamente distribuído ao redor do mundo e, consequentemente, não dever conter pontos que possam gerar controvérsias em algum país. Segundo, por ter suas produções comercializados por diversos veículos, devendo agradar todos os compradores.

Natali (2008, p. 57) explica que, para isso, as agências internacionais pensam em um cliente abstrato para produzir o material. Por consequência, como essas produções são distribuídas para diversos veículos, com linhas editoriais diferentes, o apartidarismo e a neutralidade se tornaram regras dentro dessa área jornalística. “O apartidarismo tornou-se com tempo um procedimento normal de enfocar os acontecimentos” (NATALI, 2004, p. 31). A mesma informação precisa ser útil para o veículo de cunho direitista e esquerdista, por exemplo. Natali ressalta que mesmo ilusório, o processo foi bem aceito.

> A fórmula fez novamente sucesso em razão do seu profissionalismo, que dispensava improvisações, baseando-se em uma mescla de textos e imagens em linguagem direta e Desprovida de comentários. O telespectador tinha ilusão de estar diante de algo objetivo e despido de ideologias, com a notícia se apresentando como matéria-prima a partir da qual cada um poderia elaborar sua própria opinião” (NATALI, 2004, p. 47)

Segundo Aguiar (2008, p. 27), existe um fluxo da notícia linear e centralizado dentro das agências de grande porte. Nesse percurso, a notícia é inserida no sistema pelo correspondente, após produzida e editada pela redação central, geralmente localizadas em suas cidades de origem, e redistribuída para as outras localidades que, posteriormente, enviam ao cliente. Como o conteúdo vem de todas as partes do globo e será distribuído pelo mundo inteiro, mas ainda se fala de uma empresa que realiza esse trâmite, é preciso que uma equipe de edição instalada no quartel-general da agência realize essa padronização. Como explica Aguiar:

> Uma característica muito importante é comum a todas as agências: estes textos, uma vez prontos, são remetidos necessariamente à redação central, localizada na cidade-sede da empresa (Londres para Reuters, Paris para AFP, Nova Iorque para AP, Madri para EFE), onde uma equipe de editores revisa e padroniza os textos, de acordo com orientações editoriais preestabelecidas (AGUIAR, 2008, p.26)

Após padronizado e aprovado, esse material é redistribuído para ser encaminhado ao cliente, ou seja, os veículos de comunicação assinantes.

O recebimento desse material pode gerar muita confusão quando administrado de forma errada, principalmente atrelado ao fato de que notícias do Inter não tendem a esfriar em questão de horas, como um factual. É para isso que existe o software de organização. O mais utilizado no recebimento de material das agências é o Digicol, que também arquiva materiais em formato digital. Os redatores conseguem acessar as matérias através de sub retrancas[7], palavras-chave, autor e data, facilitando imensamente o trabalho, completa Aguiar (2008, p. 34).

Antes, o envio era realizado através de satélites, mas Esperidião (2011, p. 122) explica que hoje utilizam tecnologias mais modernos:

> Somente matérias especiais são agora enviadas por satélite. A remessa por banda larga eliminou a burocracia do sistema convencional. Por meio de softwares especialmente desenvolvidos para atender a essa demanda, imagens são editadas e enviadas, a qualquer momento, de qualquer parte do mundo, através de qualquer meio de transmissão de dados disponível (incluindo modem ou satélite).

Por vezes, acontece também de o material chegar ‘semipronto’ para os veículos de comunicação de outros países. Mesmo que cada agência possua sua área de abrangência, suas produções são distribuídas em escala global, para serem utilizadas por veículos de comunicação locais, nas mais diversas regiões do globo. Por isso, às vezes, os materiais distribuídos pelas agências não estão finalizados e prontos para irem ao ar. Isso se dá por motivos de logística e razões técnicas. Um deles é a barreira linguística e cultural de cada país.

Em geral, os materiais “não têm narração (*voice-over* ou off), sendo distribuídos pré-editados em vídeos com duração média de dois a três minutos”, como explica Esperidião (2011, p. 114). Esses conteúdos precisam ser traduzidos, contextualizados

---

[7] Outra denominação para box. Texto que está associado ao texto principal. Dicionário de Jornalismo.

para ganhar sentido e ser compreendido pelo público e adaptados ao padrão editorial do veículo no qual será divulgado.

2.3. Terceiro Momento: Varejista

Chegando às redações, em um terceiro momento, agora em caráter varejista, os jornalistas são responsáveis por elencar os materiais e decidir o que é válido ou não seguindo sua linha editorial e formato. Como a cobertura é mundial, diariamente a editoria internacional recebe centenas de informações de vários lugares do mundo e precisa 'jogar fora' aquilo que não é de interesse público de acordo com a sua linha editorial. Para Natali (2004, p. 10 – 11), nenhuma editoria utiliza critérios tão refinados e qualificados de seleção como a Internacional. Em meio a esse mar de informações, é fácil se ver perdido e confuso, mas as agências possuem um sistema de despacho que setoriza e direciona as matérias de cada editoria, como política ou economia, respectivamente aos seus devidos repórteres.

> As agências iniciam a transmissão de cada texto por um código que direciona automaticamente o despacho a determinado diretório da rede interna das redações. E esse diretório será frequentado preferencialmente pelo jornalista da área (NATALI, 2004, p. 10)

Os grandes veículos de comunicação do Brasil já entendem a importância de estar ligados a assuntos globais. Natali (2004, p. 29), expõe os veículos de comunicação e suas escolhas de agência:

> A Folha de S. Paulo assina os serviços das agências Reuters (em inglês), AFP (espanhol) e AP (inglês), além dos direitos de reprodução de material dos jornais The New YorkTimes (EUA), The Independent (Reino Unido) e El País (Espanha). Esporadicamente, a editoria do diário paulista solicita a compra de textos avulsos em outros jornais, dependendo do tema da cobertura. Até 2003, a Folha também assinava os serviços do francês Le Monde. Já O Globo assina a Reuters (em espanhol), EFE (espanhol e fotos) e a Associated Press (em inglês). (AGUIAR, 2008, p. 33 – 34)

Mas, esses veículos não ficam reféns apenas das produções das agências. O monitoramento é constante, como explica:

> Um aparelho de TV fica sintonizado na CNN International ou, alternadamente, na BBC World na editoria Mundo do jornal paulista. Já em O Globo os televisores são dois e permanecem ambos sintonizados na Globonews — a não ser em casos de eventos especiais no exterior, quando se muda para a CNN International. (AGUIAR, 2008, p. 34)

Além disso, é de praxe que uma agência seja fornecedora de notícias a mais de um veículo de comunicação da mesma região. Por serem amplamente distribuídas e padronizadas nas sedes das agências, é inevitável que vários veículos de comunicação deem matérias similares, ou abordem o mesmo fato com os mesmos pontos de vista, dados e informações que lhes foram repassados na assinatura. Natali (2008, p.48) explica ser inevitável que as abordagens caiam em uma sistemática mesmice, contudo cabe ao redator procurar pontos de vistas alternativos e complementares de modo a diferenciar sua matéria das demais.

3. AS AGÊNCIAS

No início da introdução deste presente estudo afirma-se que o jornalismo nasce internacional em consonância com a linha de pensamento de Natali (2004, p. 23). Sob a ótica geral, o jornalismo em seu princípio se fazia internacional, pois tinha como razão de existir a coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes, como aponta Natali, em um mundo muito anterior à globalização, onde as distâncias eram muito longas e não havia tecnologia que facilitasse e encurtasse o percurso da informação entre o local do acontecimento e o público receptor.

> Enfrentar esse mar de fontes distribuídas por uma multiplicidade de lugares no planeta gera um custo praticamente proibitivo para a imensa maioria dos veículos de comunicação. Para dar conta deste trabalho, então, surgiram empresas especializadas em coletar informações noticiosas e distribuí-las (por venda) às publicações: as agências de notícias. (AGUIAR, 2008, p. 21)

Em seu surgimento, a prática jornalística internacional não era um processo acessível e, pensando neste problema, as agências de notícias, empresas especializadas em coletar informações de interesse público, formatá-las e redistribuí-las para assinantes, como explica Aguiar (2008, p. 22), nasceram.

> Esse tipo de empresa surgiu em meados do século XIX, com a fundação da Agência Havas (hoje chamada de Agência France-Presse), fundada pelo escritor e tradutor Charles-Louis Havas, em 1835. A agência era sediada em Paris e enviava as informações mais importantes, e notícias estrangeiras por meio de telegramas para os jornais impressos, que lhes pagavam em dinheiro por esse serviço. (INFOESCOLA, 2020)

Inicialmente, a Havas surge como uma agência de tradução de periódicos estrangeiros para o francês, localizada no centro da Europa, em Paris (FR). Logo, conquistando o monopólio dos chamados “escritórios de correspondência” pela qualidade e confiabilidade do material produzido. Além de ampla distribuição, a Havas alimentava as especulações de Londres e Paris. Existem historiadores, como *Antoine Lefébure*, que dizem que a agência recebeu tratamento preferencial por parte das

autoridades francesas, devido ao bom relacionamento de Charles Havas com os políticos da época, a partir dos anos 1830, o que corroborou para o monopólio.

A concepção de um veículo de comunicação que trabalhava para outros veículos é uma prática de redução de despesas, como afirma Natali (2004, p.30), para quem “a ideia consistiu, então, em formar *pools* pelos quais um mesmo repórter ou equipe de repórteres produziriam material para muitos órgãos de imprensa, cortando assim os custos”.

Natali completa explicando o porquê.

> Um texto distribuído a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência sai incomparavelmente mais barato que um texto produzido por um correspondente ou enviado especial cujos custos são cobertos inteiramente por um jornal ou por uma revista (NATALI, 2004, p. 31)

Depois da criação da Agência Havas e sua operação, sem concorrência direta por 25 anos, de 1832 a 1857, o que fez com que se consolidasse no mercado de distribuição, surgem outras agências. “Dois dos funcionários da Havas, Paul Reuter e Bernhard Wolff, posteriormente fundaram em Londres e Berlim, respectivamente, duas agências que rivalizariam com a Havas, a Reuters, em 1851 e a Wolffs Telegraphisches Bureau, em 1849”, como explica Gabriella Porto em artigo publicado no InfoEscola.

Quando os serviços de coleta, formatação e distribuição de notícias começam a operar, ainda em meados do século XIX, o caminho era muito precário e oneroso. Existem relatos, datados de aproximadamente 1850, de Paul Julius Reuters[8] usando pombos-correios para transmitir preços de ações entre Aachen, na Alemanha, e Bruxelas, na Bélgica, dois anos antes de fundar, em Londres, a agência *Reuters*.

> Londres foi escolhida como a sede das principais agências telejornalísticas desde os anos 1960, quando a então Visnews começou a operar. A cidade não se tornou um ponto nodal (a “sede das fábricas”) por acaso. Com a infraestrutura tecnológica consolidada, a capital britânica se projetou como uma “capital midiática” para onde todos os países miravam quando o sol se punha:

[8] Pioneiro da comunicação, foi responsável por fundar o primeiro serviço internacional de notícia. A agência de notícias que ele fundou, a Reuters, estabeleceu o modelo para transmitir notícias rapidamente em todo o mundo. Encyclopedia. Disponível em: https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/paul-julius-reuter

> a metrópole que não para, no coração do planeta, um símbolo da elite europeia. (ESPERIDIÃO, 2011, p. 112)

Outra agência que também recorreu aos pombos-correios foi a *Associated Press* (AP), depois migrando para pôneis, trens, navios a vapor, ao telégrafo, teletipo, posteriormente se rendendo à internet conforme os anos foram se passando. Rodrigues e Maia (2009, p. 4) analisam a rapidez processual na atualidade, comparando ao início deste mercado, e se espantam com a velocidade conquistada. “Hoje as notícias viajam em *bits* digitais quase simultaneamente ao ato de produção dos conteúdos, e os vídeos estão entre os produtos mais importantes produzidos pelo grupo”, ressaltam as autoras.

Posteriormente, as agências foram buscando cada vez mais tecnologias que facilitassem a rotina de cobertura e se consolidando como empresas no mercado. Houve um crescimento de importância dos periódicos de notícias, graças ao emprego das novas tecnologias da comunicação e, com a ajuda de fatores externos, como a Guerra Civil, a expansão do mercado. Com isso, uma gama de novas possibilidades — entre elas, as agências de notícias — surgiram.

> A Guerra Civil Americana deu força para que os maiores jornais de Nova Iorque se juntarem para formarem a Associated Press em 1845, e enviarem jornalistas e correspondentes de guerra para os campos de batalha. A Associated Press logo se firmou no mercado, sendo a única agência no país por mais de 50 anos, até que a agência United Press fosse fundada em 1907, e a International News Service em 1909. Em 1958, as duas agências se fundiram e formaram a United Press International (UPI). (INFOESCOLA, 2020)

Para o jornalismo internacional, a instalação dos cabos de telégrafo no fim do século XIX foi um grande marco na rapidez das comunicações e representou uma quebra de rotina ainda maior que com a chegada da internet anos depois. Sabendo disso, foram criadas as páginas internacionais, para que as notícias vindas dos telegramas das agências pudessem ser postadas. Logo, podemos dizer que a invenção do telégrafo foi “fundamental para o surgimento e consolidação das agências noticiosas internacionais e, consequentemente, criou condições para a formação de uma rede mundial de notícias”, como explica Barbosa (2007) *apud.* Sotana (2018, p. 257).

Rodrigues e Maia (2019) reiteram que, ainda hoje, as agências de notícias servem ao propósito inato de cortar gastos, contudo com pequenos ajustes.

> Apesar da longevidade surpreendente das agências de notícia, é inegável que são um modelo em transição. A fragmentação, a proliferação e a velocidade de propagação da informação propiciadas pela internet impactaram o modelo clássico atacadista e o monopólio deste segmento (RODRIGUES E MAIA, 2019, p. 2)

Agora, são incontáveis agências, dos mais diversos portes e segmentos, em diferentes áreas de cobertura e entregando, em sua maioria, conteúdo multimídia[9]. Seguindo esta mudança e as tendências de mercado,

> Até o final da década de 1980, os correspondentes eram, em sua maioria, brancos, de sólida formação universitária, americanos, britânicos e franceses, tendo sido treinados nas grandes capitais do mundo. Quando migraram para o audiovisual, a Reuters e a AP passaram a adotar uma política de recrutamento multicultural (ESPERIDÃO, 2011, p. 119)

3.1. Chegada ao Brasil

A chegada do jornalismo internacional ao Brasil se deu de forma natural. Sotana (2018, p. 253) afirma que em meados do século XX os jornais brasileiros já apresentavam indícios de uma globalização antecipada e uma necessidade de se informar sobre o mundo a seu redor. O autor cita uma passagem das páginas do periódico *O Estado de S. Paulo* que discorrem sobre romper os ‘isolamentos provincianos’ e fazer contato com ‘todos os pontos do globo’.

Indo mais a fundo nesta questão, pode se pensar que, muito provavelmente, a passagem tinha interesses econômicos subentendidos e referenciava à utilização dos telegramas vindos das agências e o peso que se dava à editoria internacional nas páginas dos periódicos brasileiros.

---

[9] A produção de conteúdo multimídia é caracterizada por combinar e interconectar diferentes elementos — como texto, imagem, vídeo e áudio — para tornar as informações mais atrativas ao público. UFPel. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/marteagencia/a-producao-de-conteudo-multimidia/

Depois disso, a introdução do jornalismo internacional na rotina informativa dos brasileiros aconteceu gradualmente. “Em 1874, o Jornal do Comércio inovou ao recorrer ao telégrafo para publicar notas enviadas pela agência Reuter-Havas” (SOTANA, 2018, p. 257). Logo depois, “a partir de 1902, o Correio da Manhã passou a ter acesso ao material divulgado pela agência Havas” (SOTANA, 2018, p. 257) e “no curso da Primeira Guerra Mundial, a agência Americana também enviou telegramas para o eixo Rio-São Paulo” (SOTANA, 2018, p. 257 – 258). Pouco depois, “a United Press Internacional (UPI) entrou no mercado nacional” (SOTANA, 2018, p. 258).

A estreia das agências de notícias no Brasil ficou nas mãos do pioneiro da comunicação no país, Assis Chateaubriand, que fundou em 1931 a Meridional de Notícias, atual D.A. Press. Posteriormente, surgiram as Agência Estado (1970) e Agência Brasil (1990). Além das agências nacionais, afinal o resto do mundo também gosta de se informar sobre os acontecimentos brasileiros.

No Brasil, cada veículo, de acordo com sua linha editorial, assina algum serviço de agência. Aguiar (2008) exemplifica com A Folha de São Paulo e O Globo:

> Um aparelho de TV fica sintonizado na *CNN International* ou, alternadamente, na *BBC World* na editoria Mundo do jornal paulista. Já em O Globo os televisores são dois e permanecem ambos sintonizados na Globonews – a não ser em casos de eventos especiais no exterior, quando se muda para a CNN International. AGUIAR (2008, p. 33-34)

Aguiar (2008, p. 29) explica que os correspondentes das principais agências internacionais estão situados nas capitais brasileiras, São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Brasília (DF). Nessas cidades, existem redações que operam, com pouco pessoal, traduzindo as notícias brasileiras e distribuindo-as para o exterior.

3.2. Principais Agências de Notícias da Atualidade

Muito se foi dito até agora sobre a histórias das agências e seu exercício profissional. Mas, e na atualidade, quem são as empresas responsáveis pela informação internacional recebida hoje? Como já elucidado anteriormente, existem

centenas de agências de notícias espalhadas pelo globo, contudo existem aquelas que se destacam pelo conteúdo produzido.

De acordo com Boyd-Barret e Rantanen (1998) apud Esperidão (2011, p. 106) “a Associated Press (AP), Thomson Reuters, France Presse (AFP) e EFE controlam entre 70% e 90% das notícias distribuídas aos veículos de comunicação do mundo”. Conheça abaixo um pouco sobre cada uma delas e o tipo de serviço que prestam às redações espalhadas pelo globo.

3.2.1. Associated Press (Ap)

Fundada em 1846 por cinco jornais de Nova York que se juntaram para acelerar a entrega das notícias da Guerra do México[10] por meio de uma rota expressa de pôneis passando pelo Alabama, a *Associated Press* é uma organização independente dedicada à reportagem factual com cobertura global. Hoje, segundo o site da agência, operam em “250 localidades, em 100 países, transmitindo notícias de última hora, cobrindo guerras e conflitos e produzindo relatórios empresariais que contam as histórias do mundo”.

Preocupados com o conceito de multimídia e multiplataforma e com um quadro de funcionários composto por dois terços de jornalistas formados, a Associated Press hoje é uma agência que fornece vídeos, fotos, texto, áudio e dados. O lema da AP é que não importa se é um evento político ou um jogo de futebol, seus “jornalistas estão lá para relatar todas as histórias do mundo, onde quer que estejam, quaisquer que sejam os interesses do seu público”, segundo o site a agência.

Com seus 170 anos de história, hoje, por ano, a AP exporta 730 mil histórias, 70 mil vídeos e um milhão de fotos. Os braços de audiovisual da AP e da Reuters dominam o mercado global de distribuição para emissoras de televisão, por exemplo. “A AP, por sua vez, se apresenta como a maior agência de notícias, responsável por fornecer informação para 1.700 jornais e 8.500 assinantes em 110 países” (RODRIGUES E MAIA, 2019, p. 2). Segundo o site, mais de metade da população do mundo consome jornalismo produzido pela AP todos os dias.

---

[10] A Guerra Mexicano-Americana decorreu da rivalidade entre México e Estados Unidos após a Revolução do Texas e foi parte da expansão territorial americana do século XIX. (Fonte: Brasil Escola. Disponível em https://brasilescola.uol.com.br/guerras/guerra-mexicano-americana.htm. Acesso em: 28/11/2022)

3.2.2. Reuters

Fundada em 1851, após a saída de Charles Reuter da Agência Havas, com cobertura global em mais de dezesseis idiomas e um alcançando bilhões de pessoas, a *Reuters* também se destaca como uma das principais agências de notícias da atualidade. “Desde 2008 a agência britânica *Reuters* – que alcança 140 países – faz parte do novo conglomerado canadense Thomson Reuters e registrou receitas superiores a 13 bilhões de dólares em 2010 (BOYD-BARRETT, 2012, p. 16 apud. RODRIGUES E MAIA, 2019, p. 2).

Sempre pensando em independência, integridade e imparcialidade, a *Reuters* foi pioneira em inovação no nicho de agências de notícias.

> Em seus 167 anos, em uma longa lista de inovações (PASTI, SILVA, 2015), a Reuters inaugurou a transmissão via telégrafo entre as capitais da França e da Inglaterra, introduziu a transmissão por rádio através do código Morse (1923), o Teleprinter (1944), Terminal Sotckmaster (1964) – para recebimento de dados financeiros –, o GATES (1990) – serviço automático de troca de equities –, o Reuters Televison Service (2009) e o Reuters 3000 (2010) – que combinou tecnologias existentes com a internet. Com foco no mercado financeiro, a agência adotou softwares que operam automatizados com algoritmos no mercado financeiro, os robot-trades (BOYD BARRETT, 2012. apud. RODRIGUES E MAIA, 2019, p. 4)

Segundo o site da agência, a cada ano, a *Reuters* oferece mais de duas mil notícias exclusivas, mais de 814 mil fotos e imagens, além de mais de 129 mil notícias em vídeo.

> A Reuters TV tem hoje 35 *stringers*, isto é, repórteres cinematográficos não contratados formalmente, espalhados pelo Iraque. Por meio de plataformas múltiplas (via internet, satélites tradicionais ou pelo Broadband Global Area Network, o Bgan), esses colaboradores disparam suas imagens para um dos “nós” do Oriente Médio (escritórios em Bagdá, Amã e Beirute). (ESPERIDÃO, 2011, p. 112)

Por este motivo, a agência está presente em 780 emissoras de televisão, em mais de 100 países, além de possuir mais de dois mil clientes de mídia espalhados por 128 países, e mais de um mil clientes no setor editorial, incluindo oito dos dez principais jornais do mundo e todas as grandes redes de TV dos EUA.

3.2.3. Agência de Notícias Espanhola (EFE)

A Agência de Notícias Espanhola, ou simplesmente EFE, como é conhecida, foi fundada em 1865 pelo jornalista Nilo María Fabra, na cidade de Burgos. O Centro de Correspondentes foi o primeiro de toda a Espanha. A EFE possui, atualmente, mais de 1.100 jornalistas, estando 403 deles fora da Espanha, além de colaboradores que trabalham em mais de 100 países para fornecer uma "informação verídica, relevante, de qualidade e confiável, não submetida a interesses particulares", segundo o site da agência.

“Em seus primeiros passos, quatro radiotelegrafistas recebiam em Madri informações que depois eram redigidas e distribuídas por um ciclista aos jornais e emissoras mais importantes da cidade”, explica o site. Hoje, a agência é uma empresa de comunicação espanhola com presença em todos os continentes e serviços em seis línguas, espanhol, português, inglês, árabe, galego e catalão, além de parte destinada à comunidade hispânica dos Estados Unidos.

A Agência EFE conta também com o EFE Verifica, um serviço de *factcheking*[11] consolidado com sua participação em iniciativas europeias e latino-americanas após ingressar na base global de *hoaxes*[12] e combater a desinformação, principalmente sobre o coronavírus e a Covid-19. A EFE possui também uma “grande área audiovisual que integra vídeo, fotografia e áudio, e que permite, entre outras coisas, reforçar a aposta no podcast”, como exemplifica o site da empresa.

3.2.4. Agence France-Presse (AFP)

A Agence France Press (AFP) foi fundada em dezembro de 1940, com o nome de Agence Française Indépendante (AFI), por Paul-Louis Bret. O comunicador considerava que a AFI era o que restava da opinião pública francesa e seria um meio de criticar o regime de Vichy[13]. Segundo o site da agência, desde o início, “a AFI chega

---

[11] A checagem de fatos é um método jornalístico por meio do qual é possível certificar se a informação apurada foi obtida por meio de fontes confiáveis e, então, avaliar se é verdadeira ou falsa, se é sustentável ou não. (Fonte: Aos Fatos. Disponível em: https://www.aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/. Acesso em: 28/09/2022)

[12] Tradução literal: boatos, fake news, enganar propositalmente.

[13] O governo de Vichy, estabelecido na cidade de mesmo nome, foi a forma que os alemães usaram para administrar parte da França ocupada durante a Segunda Guerra Mundial, que durou de 1940 a 1944. Este governo se opôs à resistência francesa que tinha seus líderes em Londres, na Inglaterra, e em Argel, na Argélia. (Fonte: Infoescola. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/governo-de-vichy/. Acesso em: 28/09/2022)

a um acordo com o Ministério da Informação britânico e a Reuters para transmitir um serviço diário em francês de cerca de dez mil palavras em toda a Europa livre".

Hoje, são mais de 2.400 colaboradores, de 100 nacionalidades diferentes, espalhados por 151 países, em 260 cidades. A rede foi regionalizada, com base em sete grandes zonas geográficas: África, América do Norte, América Latina, Ásia, Europa, Oriente Médio e, é claro, a França. A AFP realiza a cobertura do noticiário internacional em seis idiomas, produzindo conteúdos multimídia de narrativa singular em vídeo, texto, fotos e gráficos.

Seguindo a tendência do mercado global, e fazendo sua parte na luta contra as notícias mentirosas, a agência também se preocupa com a desinformação e a onda de *fakenews* enfrentada,

> Desde 2017, a AFP construiu a maior rede de verificação digital do mundo, com mais de 130 jornalistas cobrindo 85 países. A AFP é signatária do código de princípios da International Fact-Checking Network, que inclui um compromisso de imparcialidade, transparência de fontes e uma política de correções aberta e honesta. Estes jornalistas especializados são uma referência na luta contra a desinformação e publicam em 24 idiomas; em português, no site checamos.afp.com. (AFP, 2021, Fonte: https://www.afp.com/en/about. Último acesso em 19/09/2022)

Recentemente, a AFP se tornou fornecedora de material do Grupo Record no Brasil.

> O jornalismo do Grupo Record, que compreende a RecordTV, Record News e R7, incluindo suas rádios e afiliadas, agora conta com os serviços de notícias da renomada agência internacional de notícias Agence France-Presse. O acordo permite o acesso à produção de vídeos, fotos, textos, sinais de transmissão ao vivo e outros conteúdos digitais da AFP, que poderão ser utilizados em todas as plataformas da Record, incluindo seus canais em redes sociais. (AFP, 2021, Fonte: https://www.afp.com/en/about. Último acesso em 19/09/2022)

3.2.5. Agência Brasil

Pública e fundada em 1990, com a absorção da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobras) pela Empresa Brasileira de Notícias (EBN), a Agência Brasil é a líder em cobertura de temas de impacto no cenário nacional, em áreas como política, economia, cidadania, direitos humanos, pesquisa, inovação, cultura, saúde, educação, esporte e internacional, segundo o site da agência.

Hoje, a agência faz parte da EBC – Empresa Brasil de Comunicação, uma empresa pública do Governo Federal, que mantém também outros veículos de comunicação também, como a Radioagência Nacional, Rádios MEC e Nacional, Rede Nacional de Comunicação Pública e a TV Brasil. Oferecendo conteúdo multiplataforma aos veículos de comunicação do Brasil e do mundo, com textos traduzidos para inglês e espanhol, o principal diferencial da Agência Brasil é oferecer seus conteúdos de forma gratuita, sem necessidade de qualquer assinatura. “O conteúdo da Agência Brasil pode ser reproduzido gratuitamente, desde que citada a fonte”, explica o site da agência.

4. EM CAMPO

Tendo como premissa que um dos objetivos deste estudo é apresentar dados e informações que possam levar à construção de um guia prático de jornalismo internacional, julgou-se imprescindível entrevistar profissionais da área, a fim de identificar os modos de produção da informação jornalística internacional, para que, em algum momento, esses dados possam subsidiar um guia de jornalismo internacional.

Assim, foram realizadas cinco entrevistas em profundidade com profissionais que atuam, ou já atuaram – em algum momento de suas carreiras – como correspondentes internacionais, profissionais esses que, mesmo neste momento não estando integrando redações de veículos de comunicação, ainda exercem jornalismo no exterior. Para esse exercício profissional, são utilizadas as mais diversas plataformas e formatos, como fotos, textos, vídeos e áudios, e vivenciadas variadas relações de trabalho, como freelancers, correspondentes fixos e ocasionais, empreendedores, agências de notícias e de comunicação, entre outros.

Os cinco profissionais entrevistados foram escolhidos por conta de seus currículos consistentes no jornalismo internacional, além de contribuições ao jornalismo nacional e local da região metropolitana de Ribeirão Preto, atuando em diversos fatos históricos, importantes e noticiados ao redor do mundo, inclusive trabalhando e residindo no exterior há muitos anos, conhecendo a fundo outras culturas, povos e nações, buscando observar, analisar e informar sobre seu estilo de vida e os principais acontecimentos daquela nação.

Além dessas especificidades, foi levado em consideração também que esses profissionais trabalham de diversas maneiras dentro do escopo jornalístico, inclusive exercendo o jornalismo por mais de um caminho possível e existente. Todos esses fatores tornaram possível a este pesquisador identificar que a produção jornalística, de forma geral, mudou muito nos últimos anos, principalmente, no jornalismo internacional, com a chegada das novas tecnologias de informação e comunicação que deixaram todo o processo mais rápido, prático e descomplicado.

4.1. Os jornalistas entrevistados

O currículo resumido desses profissionais entrevistados, estão apresentados em seguida.

4.1.1. Joel Silva — Fotojornalista

O fotojornalista Joel Silva foi correspondente fotográfico da Folha de S. Paulo no Oriente Médio, esteve na Guerra da Síria e na revolta da Primavera Árabe, na Líbia. Cobriu o massacre no Cairo, capital do Egito, que vitimou mais de 800 pessoas em um único dia. Além disso, cobriu o Golpe Militar em Honduras, na América Central, acampou com os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), fotografou a ocupação do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, pelo Exército e esteve em campos de refugiados na África Central e Oriente Médio.

Seus trabalhos foram publicados nos principais jornais do mundo, como The New York Times, Washington Post, Le Monde, El País, The Independent e nas revistas americanas, Time e Life. No esporte, Joel cobriu três Copas do Mundo de Futebol (França - 1998; África do Sul – 2010; Brasil – 2014). Por fim, o fotojornalista foi premiado pela ONU com o prêmio *Every Human Has Rights*, em comemoração aos 60 anos da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU - Organização das Nações Unidas. Além disso, ganhou também o prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos.

Mais recentemente, escreveu dois livros. O primeiro, intitulado "Maluco da BR", trata de uma viagem que o fotojornalista fez pelas estradas brasileiras como andarilho. O segundo, de nome “Uma fresta de luz no porão da sociedade", conta sua experiência em uma zona de conflito. Hoje em dia, Joel trabalha como freelancer para diversos veículos de comunicação e, sempre que acionado, realiza coberturas especiais.

4.1.2. Igor Ramos — Jornalista

Formado pela Unesp de Bauru, o jornalista Igor Ramos, já trabalhou nas rádios 79, CNN e Clube, atuou por oito anos no jornal A Cidade como editor de esportes, um ano no caderno Folha Ribeirão, do jornal Folha de S. Paulo, além de ter trabalhado no diário Lance por 10 anos, sendo dois como editor assistente no Rio de Janeiro e oito como correspondente regional. No Grupo Thathi, passou pela rádio e TV Thathi como repórter e apresentador, e Rádio Nova Brasil, apenas como apresentador. Igor

também dedica seu tempo à sua paixão: o futebol regional. O jornalista já produziu alguns documentários como “77 Eternos Campeões” e “Botafogo 100 anos de amor e glórias”, além de livros como “Comercial: uma paixão centenária”, “Come-fogo: tradição e rivalidade no interior do Brasil”, “Botafogo 100 anos de amor e glórias” e a biografia do ex-basquetebolista, Hélio Rubens Garcia.

4.1.3. Isabela Nascy — Jornalista

A jornalista, Isabela Nascimento, ou Isabela Nascy, como é conhecida, já trabalhou como correspondente do jornal português Contacto, pertencente ao grupo luxemburguês *Wort* e como repórter correspondente em Luxemburgo, para a RTP, emissora de televisão portuguesa no Programa “A hora dos portugueses”. Atualmente, atua como responsável pelo setor de Marketing e Comunicação do Centro de Apoio Social e Associativo C.A.S.A, em Luxemburgo.

Antes de sair do Brasil, trabalhou na TV Globo de São Paulo no programa Profissão Repórter. Depois, nas afiliadas também da TV Globo, EPTV Ribeirão Preto, TV Tem Bauru, TV Marília, onde desenvolveu as funções de produtora, repórter e apresentadora do quadro de cultura no jornal do meio-dia. Isabela também foi repórter do SBT e TV Record em Ribeirão Preto - SP.

4.1.4. Yan Boechat — Repórter

Yan Boechat é um jornalista e fotógrafo com mais de 20 anos de experiência nos principais veículos de comunicação do País. Formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, atuou em diversas áreas de cobertura, como economia, política, geopolítica e assuntos internacionais. Na última década realizou coberturas em áreas de conflito como Síria, Iraque, Gaza, Afeganistão, Ucrânia, República Democrática do Congo, Egito, Líbano, Venezuela e Tunísia. Publicou reportagens em texto, foto e vídeo em jornais, revistas, site e canais de televisão como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, O Globo, Veja, Isto é, Época, BBC, *Deutsche Welle*, *Voice of America, De Morgen, Knack*, TV Bandeirantes. Atualmente, trabalha como repórter freelancer.

4.1.5. Patricia Vittorazzi — Jornalista

A jornalista, Patricia Vittorazzi, é de Ribeirão Preto e mora em Nova York desde 2004. Estudou Jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto e Comunicação na *Florida Gulf Coast University*. É mestre em Sociologia Política pela UFSCar e fez

cursos de extensão de Português na Universidade de Harvard. Ela também fala inglês, italiano, francês, alemão e espanhol.

Mudou-se para a Irlanda e Irlanda do Norte em 2002, trocando experiências em jornalismo na *BBC Radio Foyle* (Londonderry) e na *NUI Galway University*. A jornalista está em Nova York desde 2004, tendo trabalhado como diretora de Marketing da *Kaplan Inc*. (empresa do Washington Post) de 2004 a 2009, onde também foi responsável pela criação e produção de roteiros culturais para alunos estrangeiros. Nesta mesma época trabalhou como consultora e roteirista de turismo para a empresa *American International Tours* - especializada em turismo educacional - nas cidades de todo leste americano até *Niágara Falls* além de Montreal, Quebec e Toronto, no Canadá.

A professora ensina Português e Inglês há mais de 15 anos no Brasil e em Nova York desde 2009 para estudantes da *Blackstone*, *Human Rights Watch , JP Morgan, Banco Safra, One Equity Partners, Springer, Fairwood Capital, Patria Investments, Bloomberg*, entre muitos outros. Há 11 anos, Patrícia fundou a sua própria empresa - *NY Step by Step* - onde trabalha como consultora em políticas públicas e educação, tradutora, professora e redatora de roteiros personalizados e guia nas cidades de Nova York, Boston, Washington D.C., Filadélfia e Newport, Rhode Island.

Em parceria com várias agências de turismo do selo “Virtuoso Travel” no Brasil e com a Rede Globo de Televisão, a jornalista faz curadoria minuciosa e produz roteiros culturais (museus e galerias), gastronômicos, musicais e de experiência. Além disso, ela tem um blog e um Podcast sobre NY.

4.2. A experiência de quem já viveu

Os correspondentes internacionais, na maioria das vezes, têm as melhores histórias. Veja bem, nem sempre elas são histórias positivas, mas, com certeza, são emocionantes. Principalmente em coberturas de risco, como guerras, as histórias envolvem, prendem e excitam o leitor. Em seu livro “O Gosto da Guerra”, o jornalista José Hamilton Ribeiro coloca em palavras uma das experiências mais difíceis pela qual passou ao cobrir a Guerra do Vietnã.

> Ele foi na frente, seguindo o mesmo caminho usado pelos enfermeiros. E eu fui atrás dele. Nem bem dei uns cinco passos quando o estrondo

> de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça. Uma nuvem negra de fumaça fez desaparecer tudo à roda e eu tive a impressão, nítida, de que a bomba explodira exatamente em cima do soldado Henry. Quando a fumaça se dissipou um pouco e eu ainda não via Henry, imaginei que ele tivesse sido projetado para longe e a essa hora já devia até estar morto. Ele apareceu na minha frente de repente, com o rosto transformado numa máscara de horror. [...] Senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo. A perna esquerda da calça tinha desaparecido e eu estava, naquele lado, só de cueca. O repuxão muscular aumentava e eu quase não me equilibrava sentado; rodopiava sobre mim mesmo em círculos e aos saltos. Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perna esquerda, só havia tiras de pele, banhadas de sangue, que repuxavam e se arregaçavam, fora do meu controle... Lembrei-me de partes de boi no matadouro quando, penduradas nos ganchos, continuam a tremer e a repuxar em movimentos elétricos. O seccionamento da perna fora no lugar onde terminava o cano da bota, essas botas compridas e resistentes que os soldados usam. A bota tinha saltado inteira, levando pé, canela, barriga da perna, osso, músculo, pele - nem sei se era a minha uma bota no chão, de pé, amarradinha, minando sangue. (RIBEIRO, 2005, p. 14)

Algo quase semelhante aconteceu com o repórter fotográfico, Joel Silva, mas com mais sorte e distância. Joel fazia a cobertura de um conflito na Síria, quando uma bomba caiu ao seu lado, a poucos metros de onde estava. Ele conta que conseguiu escapar do ataque, fotografar o acontecimento e logo foi retirado do local graças ao seu treinamento de sobrevivência. Essa é apenas uma das histórias do fotojornalista que em 2000 não presenciou o nascimento do próprio filho, pois estava na Colômbia cobrindo os conflitos entre a guerrilha e os militares. Ele explica que o correspondente internacional, acima de tudo, precisa de motivação.

> Eu escrevi um livro e o título do meu livro é "Uma fresta de luz no porão da sociedade". Eu acho que todo mundo que escolhe uma profissão, tem sempre um quesito ali, uma coisa que te puxa. E eu acho que nós temos obrigação, nós como jornalistas, todo mundo que lida com a questão social, é nossa função descer ao porão da sociedade e trazer luz àquilo que ela não consegue enxergar ou, muitas vezes, não quer ver. Então o que me motivava é exatamente essa necessidade de mostrar para a sociedade o quanto ela está doente. O que me motivava a ir para esses lugares era exatamente isso. Eu entendi que essa é a minha função.

A primeira cobertura internacional do jornalista Igor Ramos foi marcante de uma maneira mais positiva. Apaixonado por esporte e futebol, Ramos teve a oportunidade de cobrir a Copa do Mundo de 2010, na África.

> Em 2010, eu cobri a Copa da África, fiquei 30 dias lá. Na época, eu trabalhava no Jornal A Cidade e quando o Brasil foi eliminado eu pedi ao jornal para continuar lá e aí continuei cobrindo a seleção do Uruguai. Foi uma experiência incrível. Você aprende muito numa cobertura de Copa do Mundo. O centro de imprensa é maravilhoso, sem contar o país, então assim, você aprende muito culturalmente e profissionalmente.

Essa fala de Igor demonstra que está intrínseco na profissão de correspondente internacional e, especialmente, em uma cobertura internacional, o fator cultural do país no qual se fará a cobertura. Por isso, o repórter deve se munir de informação sobre o país, seus costumes e cultura. A jornalista, Isabela Nascy, elabora sobre o assunto e diz que a curiosidade deve vir do próprio repórter. “O correspondente ele tem que ter esse tino do idioma e saber sobre o país onde ele vai querer trabalhar, saber sobre a cultura do país, entender como funciona”, explica. Joel Silva concorda com a colega e dá um exemplo. Ao cobrir o conflito líbio, ele utilizou todo tempo de seu voo de quase dez horas para estudar sobre o país africano.

> No voo que fiz do Brasil para cobrir o conflito líbio, eu fui lendo sobre a Líbia, lendo sobre a história do país. Eu imprimi na Folha, antes de embarcar, um calhamaço de páginas contando a história da Líbia. Eu fui lendo, descobri como se fala “jornalismo” em árabe, comecei a falar “jornalista brasileiro” em árabe, algumas palavras para facilitar o primeiro contato.

O fotojornalista ainda brinca que o correspondente internacional é o único passageiro que nunca dorme em um voo como esse. Além disso, Joel reconhece as dificuldades impostas pelas barreiras linguísticas e explica como esse preparo para a cobertura é essencial para jornalistas que não querem problemas durante o trabalho de cobrir um evento em outro país.

> Aprendi, ali no voo, que ela [a Líbia] foi colonizada pelos italianos, e lá tinha umas cavernas onde os líbios se esconderam e depois eles conseguiram expulsar os italianos da Líbia porque eles estavam dentro das cavernas e eu encontrei as cavernas na estrada. O cara me apontava as cavernas e eu logo entendi, e ele não falava inglês, não falava nada, ele só contava. Aí é óbvio que se você tem esse conhecimento do país para onde você tá indo muita coisa fica facilita, entendeu?

A professora e jornalista Patrícia Vittorazzi concorda com o fotojornalista. Mesmo não sendo vinculada a nenhum veículo de comunicação e mídia, ainda exerce o jornalismo em seu empreendimento em Nova York, nos Estados Unidos. Ela é fluente em cinco idiomas, além do Português e reitera a importância da comunicação.

> Um bom jornalista, no caso, você citou o correspondente internacional, tem obrigação de saber mais que uma língua. Para mim, o papel da língua não só no aspecto para futuros, jornalistas e correspondentes internacionais. Eu acredito que os aspectos do idioma ajudam também a quebrar as barreiras culturais, você passa a ter essa proximidade humana que é sensacional.

Para Isabela, esse é o principal atributo de um correspondente internacional, ou de alguém que deseja exercer o jornalismo fora do país.

> Saber falar as línguas, esse é o primeiro ponto. Um bom correspondente tem que saber, no mínimo falar, duas línguas ou inglês, ou francês, se você for para algum lado da Europa que fala francês, enfim, tem que ter, senão não adianta, sabe. É como se você tivesse ali engatinhando. Você tem uma experiência, mas aquilo não vai avançar tão rápido, essa é uma coisa mais a longo prazo e é isso vai fazer você perder tempo.

Quando realizava a cobertura da Copa do Mundo, além das experiências diárias, Igor se recorda com carinho do centro de imprensa e explica que os idiomas naquele contexto eram realmente muito importantes, as línguas dominavam aquele ambiente.

> O centro de imprensa é uma loucura no fechamento, os jornalistas europeus, asiáticos, todos falando juntos, é uma Torre de Babel[14]**.** Assim, eu ia diariamente na zona de imprensa, fazer matérias e a convivência com jornalistas te mostrava muita coisa legal. A gente trocava ideias, convivia com jornalistas famosos.

---

[14] A Torre de Babel foi uma construção mencionada na narrativa bíblica, mais especificamente no livro de Gênesis. Os historiadores a entendem como um mito de fundação que explicava a origem da variedade linguística e a dispersão da humanidade pela Terra. (Fonte: Mundo Educação. Disponível em https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/torre-de-babel.htm Acesso em: 16/01/2023)

Igor ainda conta que levou um pouco do seu “jeitinho brasileiro” para a África, dizendo que um bom correspondente precisa estar atento, tentar buscar outros caminhos e novidades para sua cobertura. “Eu fiquei na área vip onde reis, rainhas e personalidades ficavam, eu consegui entrar nesse lugar, com uma credencial que não dava acesso a esse lugar, mas eu acabei entrando e aí fiz algumas matérias citando essas presenças”, relata.

Curiosamente, essa é uma das principais diferenças que Patrícia encontrou quando saiu do país. Ela se espantou com a diferença entre a visão dos norte-americanos, em relação aos brasileiros, eles não têm o que ela chama de “cultura do improviso”. Mesmo assim, a jornalista se sente grata por experimentar ambas as culturas.

> O americano é dentro da caixinha. Eles não saem fora do manual e eu venho, imagina, de Ribeirão Preto, de uma cultura do improviso. O americano não tem essa cultura do improviso. Então foi bom de um lado de eu aprender esse rigor americano que tudo tem que estar realmente de conforme o manual, conforme dita o manual, dentro daquela caixinha mesmo. Por isso, eu tive que me frear muitas vezes para não ser tão criativa, pois o americano não se importa muito com isso. Ele quer, na verdade, resultados.

Trabalhando em Luxemburgo, na Europa, Isabela Nascy percebeu que a imprensa lá é muito mais prática que a nacional.

> Enquanto, aí no Brasil, a gente leva um milhão de equipamentos, o assessor de imprensa do primeiro-ministro trabalha com telefone. E quando eu me via com aquela estrutura, ali ralando, correndo, suando às vezes, e eu via outras pessoas fazendo a mesma notícia, a mesma situação, às vezes com apenas um telefone e um microfone, eu percebi esse caráter de leveza e como eles são mais práticos para poder dar notícia.

Uma das grandes diferenças apontadas pelos entrevistados na produção jornalística no exterior em relação ao Brasil, é o investimento nas redações. O repórter, Yan Boechat, relata como se tornou “uma banda de um homem só”, mas reconhece que mais investimento, aumenta, consequentemente, a qualidade da produção.

> Lá fora tem muito mais investimento, dinheiro, é uma questão de grana. Quanto mais grana você tem, mais conforto você tem, você tem uma melhor qualidade de vida. Eu sou um cara que me transformei

> numa banda de uma pessoa só, eu escrevo, fotográfico e filmo. Se eu fizesse só uma das coisas, a minha qualidade seria muito melhor. Eu procuro encontrar atalhos para conseguir não passar vergonha, você pega uma produção ali do *New York Times, The Guardian*, e por aí vai, tem uma densidade, entendeu? Que eu não tenho, pelo menos os jornais daqui não têm.

Isabela tem um ponto de vista complementar baseado em sua própria experiência. Ela relata que quando chegou a Luxemburgo impressionou-se com a tecnologia presente e o investimento nos grupos de comunicação.

> Tecnologia. Eles têm muita tecnologia. É uma coisa assim surreal, eu inclusive tenho muita dificuldade hoje. Eu preciso fazer um trabalho de reciclagem porque eles têm computadores com um sistema muito bom, né? Então assim, eu já visitei uma televisão e eu fiquei impressionada com estúdio, eles têm um prédio enorme, uma coisa assim impressionante. Eles têm tudo, é muita tecnologia, os computadores são todos de última geração, sabe?

Apesar da premissa de ser democrático e para todos, Boechat reconhece que o jornalismo é uma prática que demanda investimento.

> Isso é grana, um investimento, jornalismo é um negócio caro de fazer; jornalismo bem feito. Você tem que mandar um sair daqui, para ir para lá, colocar não sei o que, o cara tem que ficar lá um tempo, e às vezes dá errado. Precisa de mão de obra qualificada, muito qualificada. Então, é muito caro, a diferença é essa, a gente faz um jornalismo aqui, bom, eu acho, relativamente bom com os poucos recursos que temos.

Parte da escolha dos profissionais se deu a fim de escancarar as novas formas de jornalismo. Isabela relata que esse movimento de “euquipe” não é novo nas redações europeias.

> As pessoas também entendem de tudo; fazem produção, reportagem, elas editam. De certa forma é bom porque você não fica limitado. Você tem os editores de imagens, você tem os editores de texto, mas todo mundo sabe fazer tudo, não é igual aí no Brasil.

Nesse aspecto, muito se fala, principalmente entre os estudantes de Jornalismo e pesquisadores, sobre a crise na área. Contudo, Joel Silva tem um ponto de vista bem definido sobre a questão e afirma que a transformação virá nas mãos dos jovens jornalistas, através da tecnologia.

> É uma nova forma de apresentar a notícia, não é mais impressa em papel, aquela coisa antiga. Hoje mudou e é óbvio que as redações têm dificuldades de levantar financiamento, custear essa mudança. E aí, óbvio, elas enxugam suas equipes porque como tem toda a transformação, tem os seus reajustes. Mas vocês que estão aí na faculdade, então vindo para o mercado, se vocês olharem para a crise, vocês não vão trabalhar. Agora, se vocês olharem a forma como vocês vão buscar notícia e como vocês vão apresentar a notícia para o público, essa sim, tem aí uma longa caminhada, é um novo jornalismo, é uma nova tecnologia, uma nova tendência de mostrar a notícia.

O fotojornalista ainda brinca que não estagnou e está atrás da mudança também. “Eu que sou velhão, tiozão, mesmo assim eu já me atualizei, eu faço muita coisa”, brinca Silva. “Persistam porque eu acho que é isso que vai levar vocês aonde vocês quiserem”, instrui o jornalista. Além dos conselhos, Joel ainda explica a nova forma de prestação de serviço às agências de notícias, uma das formas de correspondência mais acessível aos recém formados.

> Eu presto serviço para uma agência que manda material para fora do Brasil, para o *Washington Post*, para vários jornais e para o Brasil também, mas assim o meu contrato com a agência ele é um pouco diferente, porque, por exemplo, se a Folha me chama para um trabalho, eu estou livre para fazer, se o Globo me chama, Estadão me chama com trabalho, eu também estou livre, se eu desenvolvo um trabalho pessoal meu e ofereço à Folha, estou livre. Agora, se eu estou lá em Ribeirão Preto, como houve a tragédia dos bombeiros em Altinópolis, com houve em Furnas, automaticamente me aciona aí eu vou pela agência. Aí eu coloco meu material na agência e aí ela distribui para todos os jornais. Então, a nova dinâmica do da profissão hoje é essa, entendeu? Eu não estou mais vinculado a nenhum jornal, não quero mais registro, não tem CLT. Então eu sou livre, mas é mais trabalhoso? Às vezes eles me chamam, eu preciso encontrar um freela para o Globo, Estadão. Ou seja, hoje eu trabalho para muitos e, ao mesmo tempo, para ninguém.

Com a intenção de sobreviver à nova era do jornalismo e sua produção, os entrevistados deram conselhos aos estudantes que entram agora no mercado de trabalho. Isabela pede que todos os jornalistas façam o exercício da profissão com responsabilidade, amor pela profissão e estejam abertos para o mercado.

> Todo estagiário tem um papel extremamente importante, eu posso dizer que grandes pautas nascem através do estagiário, então que valorizem mais os estagiários, eles são onde tudo começa. E que os

> chefes de reportagem não esqueçam, nunca, que um dia eles também foram estagiários, um dia também foram produtores.

A jornalista ainda relembra o quanto o jornalismo exige do profissional que decidiu por essa carreira e pede por respeito.

> Eu desejo respeito ao jornalista, que respeitem esses profissionais que às vezes deixam de estar com a família porque é um trabalho que exige muito da gente, né? Fim de semana, feriado, Natal, Ano Novo, você tem que estar ali nos plantões, então assim é uma profissão que realmente exige muito da gente, né? Então que esse chefe de redação tem também esse olhar né? Esse respeito com profissional.

Além disso, todos os profissionais entrevistados destacaram a importância da leitura para a profissão. Silva diz que considera bobagem ter que, ainda, falar que o repórter e, em especial o correspondente, precisa ler muito.

> O repórter que não lê, não consegue ser um bom correspondente, não consegue ser um bom repórter, não consegue elaborar um bom contexto. Então a primeira coisa é ler, ler todo tipo de informação, livro, revista, jornal, ele tem que ser um devorador de leitura.

Patrícia complementa dizendo que um bom correspondente deve “estudar muito, ler demais, ler tudo, jornal, artigos e livros. De preferência, sem ficar naquela coisa da superficialidade, mas sim ir a fundo em cada assunto”, completa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como elucidado neste presente trabalho, o jornalismo nasceu internacional. No princípio, as informações possuíam caráter mercadológico e as notícias eram construídas para serem levadas a terras distantes. Desde então, o jornalismo internacional evoluiu bastante, sempre com seu caráter informativo, buscando levar, a todos os países, informações de lugares distantes do mundo. Dentro deste nicho, analisamos o percurso da notícia no jornalismo internacional, com enfoque na produção jornalística fora do país e no papel das agências de notícias como instituição nesse percurso.

Dada à falta de pesquisas sobre o tema no Brasil, e até uma incerteza do passo a passo da produção nesta editoria, o presente trabalho objetiva tornar-se um referencial teórico para um futuro guia prático de jornalismo internacional, voltado para estudantes de Jornalismo que queiram exercer sua profissão fora do país.

A pesquisa teve como um de seus objetivos entender, da perspectiva do jornalista brasileiro, a prática de produção jornalística internacional com o intuito de se tornar referencial teórico para um futuro guia prático do percurso da notícia. Utilizando-se da revisão bibliográfica, foi elucidado o percurso da notícia produzida pelos jornalistas internacionais, dividido em três momentos, desde que o fato acontece até à sua chegada nas agências, passando pelos processos internos da agência de produção e padronização e, depois, a distribuição da informação ao consumidor final, sendo dois deles atacadistas e um varejista. Nesta elaboração, ficou nítido que o *newsflow* do jornalismo internacional é muito semelhante ao processo de produção jornalística apreendido nas universidades brasileiras e que o correspondente internacional deve possuir uma visão macro do processo, além de entender as peculiaridades da agência de notícias à qual se presta serviços.

Analisando mais a fundo as diferenças entre jornalismo praticado no exterior e o brasileiro, ficou evidente o quanto esse exercício profissional no Brasil está desvalorizado, pauta essa já amplamente discutida no campo de pesquisa científica de comunicação no Brasil. Porém, observou-se também que as redações brasileiras não recebem nada nem próximo ao investimento que as redações da Europa ou América do Norte. O *downsizing* das redações acontece também no exterior, contudo a infraestrutura é mais preservada e priorizada na hora dos cortes de gastos no Brasil.

Para mais, ficou evidente a “bolha jornalística” existente no País. Dentre as entrevistas, foram ouvidos relatos de apadrinhamentos dentro dos grandes veículos de comunicação, colocando as relações interpessoais de afinidade acima da capacidade dos profissionais. Essa, segundo experiências particulares no mercado de trabalho, ainda é uma prática que perdura nas redações brasileiras e tende a desmotivar jovens talentos.

Por fim, foi possível analisar a prosperidade e popularização dos chamados *stringers*, também conhecidos como *freelancers* ou *freela*, que são repórteres ocasionais chamados para realizar um serviço específico, fazendo uma cobertura específica, com *deadline*, orçamento e lista de entregas ao contratante. Além disso, os contratos desses *stringers* são muito mais flexíveis. Nas redações brasileiras, o regime CLT já havia sido abandonado há muito tempo, uma vez que a grande maioria dos profissionais trabalha hoje no regime de Pessoa Jurídica (PJ), emitindo nota fiscal por serviço realizado. Como explicado também em uma das entrevistas, não há vínculo, não é exclusividade, o repórter trabalha para todo mundo e, em simultâneo, não trabalha oficialmente para ninguém.

Desta forma, os objetivos preestabelecidos de desenhar o percurso da informação e entender o papel das agências de notícias, como instituição, foram atingidos. Durante a produção, a maior limitação encontrada foi o acesso aos correspondentes e jornalistas internacionais, as fontes que seriam entrevistadas, ou seja, os profissionais da área, devido às diferenças de fusos horários, calendários e as rotinas incertas destes jornalistas. Porém, esses contratempos não alteraram o resultado da pesquisa. Para mais, é de interesse do pesquisador transformar este estudo em uma dissertação de mestrado, visando à construção do guia prático de jornalismo internacional como produto.

REFERÊNCIAS

A PRODUÇÃO de conteúdo multimídia. **Blog UFPEL**, 8 maio 2019. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/marteagencia/a-producao-de-conteudo-multimidia/. Acesso em: 5 set. 2022.

AGENCE FRANCE-PRESSE. Home. *In*: **Sobre nós.** [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://www.afp.com/en/about. Acesso em: 5 set. 2022.

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. 2008. Monografia (Bacharel) - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2008.

AOS FATOS. **O que é checagem de fatos — ou fact-checking?**. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/. Acesso em: 28 set. 2022.

ASSOCIATED PRESS. **Sobre nós.** [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://www.ap.org/about/#:~:text=The%20Associated%20Press%20is%20an,vital%20to%20the%20news%20business. Acesso em: 5 set. 2022.

COLLINS DICTIONARY. **Downsizing**. *In*: Downsizing. [*S. l.*], 2008. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/downsizing. Acesso em: 20 jun. 2022.

DICIONÁRIO DE JORNALISMO. **Sub-retranca**. *In*: Sub-retranca. [*S. l.*], 2020. Disponível em: https://dicionariodejornalismo.blogspot.com/2010/09/sub-retranca.html. Acesso em: 20 jun. 2022.

DIRETÓRIO Global Reuters: **Quem somos.** *In*: REUTERS. Quem somos. [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://www.reutersagency.com/pt-br/about/about-us/. Acesso em: 5 set. 2022.

EBC. Institucional: Veículos. *In*: **Agência Brasil**. [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://www.ebc.com.br/veiculos/agencia-

brasil#:~:text=A%20Ag%C3%AAncia%20Brasil%20%C3%A9%20uma,Brasileira%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20(Radiobras). Acesso em: 6 nov. 2022.

EFE. **Sobre nós.** [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://agenciaefe.es/historia-de-efe/. Acesso em: 5 set. 2022.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. **Gigantes invisíveis no telejornalismo mundial:** agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global. 1. ed. Brazilian Journalism Research: [s. n.], 2011. 106-129 p. v. 7.

FELIX, Fernanda. Produção Jornalística. *In*: **Aprenda como fazer uma Pauta Jornalística em 5 passos**. Academia do Jornalista, 2017. Disponível em: https://www.academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalistico/como-fazer-uma-pauta-jornalistica/. Acesso em: 20 jun. 2022.

INFOESCOLA. Comunicação: Jornalismo. *In*: PORTO, Gabriella. **Agências de Notícias**. Infoescola, 2020. Disponível em: https://www.infoescola.com/jornalismo/agencias-de-noticias/. Acesso em: 5 set. 2022.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. 2. ed. [S. l.]: Editora Contexto, 2004. 127

OXFORD. **Corantos**. *In*: The Concise Oxford Companion to English Literature. 3. ed. [*S. l.*]: Oxford University Press, 20 jun. 2022. Disponível em: https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095638495. Acesso em: 20 jun. 2022.

RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**: A história do jornalista brasileiro que cobriu a Guerra do Vietnã.. [S. l.]: Objetiva, 2005. 60 p.

RODRIGUES, Claudia; MAIA, Bibiana. **A longevidade das agências internacionais Reuters e Associated Press em um campo reconfigurado: uma reflexão sobre a credibilidade do jornalismo.** The longevity of international news agencies Reuters

and Associated Press in a reconfigured field: a reflection about the credibility of. Entremeios, v. 1, n. 15, p. 1-14, 2019.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Governo de Vichy.** [S. l.], 2019. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/governo-de-vichy/. Acesso em: 28 set. 2022.

SILVA, Daniel Neves. "Guerra Mexicano-Americana"; **Brasil Escola.** Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/guerras/guerra-mexicano-americana.htm. Acesso em 28 de set. 2022.

SILVA, Daniel Neves. Torre de Babel. *In*: **Torre de Babel**. Mundo Educação: UOL, 2023. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/torre-de-babel.htm. Acesso em: 16 jan. 2023.

SOTANA, Edvaldo Correa. **Agências internacionais de notícias, telegramas e política: expedientes e práticas dos jornais brasileiros no alvorecer da Guerra Fria**. Dimensões, n. 41, p. 252-278, 2018.

THORVALDSEN, FREDDY. **O que é uma newsletter e como funciona?**. Profissional de E-commerce, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.profissionaldeecommerce.com.br/o-que-e-uma-newsletter-e-como-funciona/. Acesso em: 28 set. 2022.

WORLD BIOGRAPHY. Paul Julius Reuter. Encyclopedia, 2019. Disponível em: https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/paul-julius-reuter. Acesso em: 5 set. 2022.

APÊNDICE

Decupagem 1 - Joel Silva

[00:00]
André: Será que é isso.

[00:02]
Joel: Não, tá gravando para mim aqu.

[00:06]
A: Pode ser, que aí depois essa ele vai salvar no seu computador um áudio e um vídeo aí você some me manda, tá bom?

J: Tá gravando aqui no meu tá bom?

A: Pode se enquadrar.

[00:30]
J: Tá gravando eu posso dar pausa aqui a hora que eu quiser, vamos começar.

[00:59]
A: Oi tudo bem? Hoje nós vamos bater um papo superlegal com fotojornalista Joel Silva que tem aí um currículo super extenso, muito obrigado por aceitar da entrevista do Joel.

J: O prazer é meu.

[01:13]
A: Joel eu queria que você começasse explicando para gente de onde surgiu isso de sair do país para cobrir, mesmo que com fotos, esses eventos tão importantes.

J: Bom André, na verdade, é essas coisas elas surgem…

[01:33]
… é automático né, ao longo do seu trabalho. Quando eu comecei a fotografar eu pensava em cobrir basicamente esportes, olimpíadas, Copa. Enfim, mas aí foi fazendo uma leitura sobre o meu trabalho e tendo acesso à criminalização, a criminalidade, no interior, na periferia de São Paulo, eu fui entender um pouco de como a sociedade vive no conflito, né? E isso foi me levando para essas coberturas mais tensas de conflito e saindo um pouco dessa questão de esporte.

[02:11]
A: Legal, e assim você consegue lembrar o momento em que você pisou fora do país e falou assim não agora é real. Agora eu já não tô mais em casa. Eu preciso tomar cuidado não.

J: Sim, foi a primeira cobertura que eu fiz, teoricamente de conflito, que eu fui para guerrilha colombiana em 2000 em que eu desembarquei na Colômbia, né? O país estava em guerra, narcotráfico, guerrilhas, para militares, é um país que vivia um caos militar, de conflito. E foi exatamente dia 22 de julho de 2000, eu sei da data para o meu filho nasceu no dia 30 de julho 31 de julho, então quando ele nasceu estava na Colômbia ainda acampado com a Guerrilha das partes e foi exatamente nesse período em 2022 de julho de 2000.

[03:04]
A: Chegou alguém aqui em casa.

J: Vai lá.

[03:11]
A: Joel, me conta o que te fez continuar nessa profissão? Eu li que inclusive nessa sua primeira cobertura, você acabou perdendo o nascimento do seu próprio filho, então o que te motivou a continuar na carreira a continuar fazendo isso que você faz?

J: Olha André, eu escrevi um livro e o título do meu livro é "Uma fresta de luz no porão da sociedade", eu acho que todo mundo que escolhe uma profissão. Tem sempre uma um quesito ali, uma coisa que te puxa.

[03:52]
J: E eu acho que nós temos obrigação, nós como jornalistas, todo mundo que lida com a questão social, é nossa função descer no porão da sociedade trazer a luz dela aquilo que ela não consegue enxergar ou muitas vezes não quer ver, então o que me motivava é exatamente essa...

[04:13]
J: Essa necessidade de mostrar para a sociedade o quanto ela tá doente, né? O quanto ela tem conflitos embaixo dela. Aparentemente parece que não, mas hoje agora à tarde embaixo da minha janela, estava tendo um assalto e a polícia chegou e o soldado chegou chutando o ladrão. Enfim, a violência está exatamente literalmente embaixo da gente, então eu abracei essa causa, né? Acho que todo profissional médico, advogado, jornalistas, eles abraçam causas, né? Então não dá para não dava para virar as costas para uma situação que eu estava enxergando lá no começo da profissão e que eu achava que tinha muita necessidade de lançar a luz sobre essas questões de conflito social, né? Não é só conflito de guerra com conflito social, conflito urbano, cobri o Morro do Alemão, eu cobrir várias vezes é manifestações aqui em São Paulo, então.

[05:13]
J: O que me motivava aí para esses lugares era exatamente isso. Eu entendi que essa é a minha função. É óbvio que não é a função de todo jornalista, não é? Mas, aquele que aquele que se identifica com isso e está disposto a isso, ele abraça a causa, né?

[05:33]
A: E se você pudesse dar um conselho para um estudante de jornalismo que quer seguir na correspondência, seja em fotos, seja em vídeo, que quer sair [do país], que quer fazer assim como você trazer essa luz dos problemas da sociedade, qual seria?

J: Persistir sempre. Eu só consegui ir para esses lugares, porque eu preciso muito. Não desistir, né? O jornalismo hoje, eu dei uma palestra segunda-feira, eu falei isso que eu queria deixar ressaltado aqui,

[06:12]
Se fala muito na crise do jornalismo, mas o jornalismo não está crise, já está tendo uma transformação e essa transformação que vai vir na mão de vocês, de Tecnologia. É uma nova forma de apresentar a notícia, não é mais impressa em papel aquela coisa antiga, ela hoje mudou e é óbvio que as relações têm dificuldades de levantar financiamento, né? Custear Essa mudança. E aí Óbvio elas enxugam suas equipes porque como tem toda a transformação, né? Tem os seus reajustes. Aí você fala em crise, é óbvio, tem essa crise financeira, mas vocês que estão aí na faculdade, vocês estão sentados na poltrona da faculdade, então vindo para o mercado, se vocês olharem para crise, vocês não vão trabalhar.

[07:02]
Agora, se vocês olharem a forma como vocês vão buscar notícia, a forma como vocês vão buscar a notícia e como vocês vão apresentar a notícia para o público, essa, sim, tem aí uma longa caminhada, é um novo jornalismo, é uma nova tecnologia, uma nova tendência de mostrar a notícia que é. Vocês que são preparados para isso, eu que sou velhão tiozão, eu mesmo assim eu já me atualizei, eu faço muita coisa, mas é isso, vocês é que estão vindo aí que estão vindo com essa força toda, então persistir, persistam porque eu acho que é isso que vai levar vocês aonde vocês quiserem.

[07:45]
A: Muito obrigado pela entrevista Joel mais uma vez um prazer falar com você e se você gostou desse vídeo não se você gostou desse vídeo não se esqueça de se inscrever aqui no nosso canal e acompanhar todas as notícias que saem por aqui semanalmente.

[08:03]
J: isso

[08:06]
A: pronto

[08:08]
A: Então, assim, já eu queria começar te perguntando de todos esses anos de todas essas coberturas. Qual foi a mais marcante?

[08:21]
J: Olha, eu acho que todas me ensinaram alguma coisa, toda cobertura te ensina alguma coisa, toda cobertura ela te passa um recado, ela te passa uma experiência, né? É difícil escalonar qual foi a mais importante para mim ou que mais me ensinou todas Em algum momento me ensinaram alguma coisa diferente, é óbvio que a minha eu fui correspondente da folha no oriente médio e é óbvio que esse tem um peso maior que eu passei um tempo muito maior no oriente médio e aí eu tive oportunidades de visitar e cobrir e trabalhar em vários tipos de conflitos que acontece no Oriente Médio então se você no meu período de profissional o Oriente Médio talvez foi o apta do meu trabalho, né? Porque eu passei um tempo maior lá, passei meses lá no Oriente Médio eu cobrir todos os conflitos que estavam acontecendo lá na época. Faixa de Gaza, Líbia, Cairo, enfim, mas eu digo toda a cobertura ela ensina alguma coisa para você, por menor que ela seja ou maior.

[09:23]
A: O seu ponto de vista qual que é a maior diferença entre uma cobertura normal, vamos colocar assim, de uma cobertura de eventos importantes como uma guerra, por exemplo.

[09:37]
J: Olha, eu normalmente não classifico muito a importância porque eu acho que é exatamente isso que o jornalista tem que ter, ele tem que tratar um assunto simples na esquina da casa dele ou na esquina da redação, ou na periferia de São Paulo com a mesma importância que ele trata um conflito bélico mundial, mas essa é uma dica que eu dou, eu saía para cobrir fazer as pequenas pautas, teoricamente as pequenas pautas ou pautas menos importantes, mas eu saía…

[10:15]
… com desafio de tentar fazer pelo menos uma foto linda daquela pauta ruim. Muitas vezes isso aconteceu, a pauta nem era tão boa, mas eu consegui elaborar uma imagem ou buscar uma imagem nessa pauta que muitas vezes forçou a primeira página publicar porque a foto era linda, então assim eu não dou essa escala de importância. Eu dou esse caráter de desafio. Então tudo para mim vira um desafio, se eu vou ali na esquina da sua rua e fazer uma foto de um buraco de rua que tá atrapalhando os moradores, eu vou tentar fazer a foto do buraco melhor possível de uma maneira diferente para poder provocar isso porque eu acho que o jornalismo ele é um elemento provocativo na sociedade também. Como é que eu vou atrair o leitor para um assunto? Se eu não tenho uma boa imagem e é isso também no texto. O texto, se você começar a ler um texto e é um texto chato …

[11:15]
… você desistir ler o resto. Então você precisa atrair o leitor, precisa puxar o leitor de alguma forma para aquilo que você tá narrando, seja na fotografia, ou seja no texto, né? E isso é um desafio melhor todos os dias então assim e é um treinamento porque aí tem um pulo do gato. Eu treinei muito nas pequenas pautas, então quando eu estava nas grandes pautas eu já né? Porque assim você é uma coisa meio boa, mas se você tá acostumada a roer um osso todo dia quando te dá um filé, você está com os dentes afiados, ele corta o filé assim, ó, é basicamente isso. Então, eu sempre trabalhei bem e nunca escalei se a pauta é boa ou ruim, eu sempre fui e sempre fui para tentar fazer uma foto boa, às vezes não acontece de não fazer, mas, no meu íntimo, isso me levou muito na minha questão profissional, eu sempre entendi que assim não consegui. Ah não consegui, mas é porque não tem tempo eu tentei e …

[12:15]
… óbvio que muitas vezes e quando dá certo também o editor fica né? Fica louco porque, nossa, o cara tirou uma foto bacana, tinha um assunto que nem era tudo isso, né?

[12:25]

A: E essa força de vontade, essa vontade de dar o seu melhor sem você considera que essa seria a principal atributo de um bom correspondente?

[12:40]
J: O que é ser um bom correspondente? Bom, é uma bobagem que eu vou falar aqui, mas é importante falar, primeiro o jornalista, o repórter que não lê, o repórter que não lê, que tem muitos que não lê, ele não consegue ser um bom correspondente, não consegue ser um bom repórter, não consegue elaborar um contexto. Então a primeira coisa é ler, ler todo tipo de informação, livro, revista, jornal, ele tem que ser um devorador de leitura. Segundo, para ser um correspondente você tem que estar fazendo cursos, você tem que se aprimorar nessa área de correspondência, um bom inglês, um bom francês, um bom espanhol.

[13:19]
E aí começar buscar isso. Como você sai para fazer um bom trabalho fora do Brasil, falar com colegas, enfim, estuda uma estrutura escalonada, agora tudo isso tem que ter esse motivacional dentro de você, senão você não faz você tem que estar realmente disposto e eu quando digo disposto é disposto a largar a família, a não ver o filho nascer, a passar Natal fora de casa, passar o Réveillon fora de casa viu? Os filhos crescerem direito, então tem uma série de coisas que as pessoas não entendem como essa é um correspondente ou comecem uma cobertura internacional, por exemplo, se você tá chegando no natal, você tá trabalhando numa redação, você trabalha no jornal, você trabalhando numa agência, e aí o seu chefe te liga. Olha o seguinte …

[14:12]
… teve um tsunami no Japão agora e Precisamos mandar alguém para lá, você fala bem em inglês, você fala bem espanhol e enfim e você já tem algumas coberturas, ali você vai falar para o cara não? Não! Você vai, porque ele tá jogando o desafio. Ou seja, você dá um tchau para família e vai ir, para no avião, e vai embora.

[14:31]

E isso você tem que estar motivado, senão não adianta, né? Então assim eu trazendo para essa sua pergunta, eu sempre estou motivado. Inclusive agora eu não tenho mais vínculo com A Folha quase trabalho ainda, mas pautas tranquilas para gente, como fiz agora recentemente, eu vou com a mesma empolgação quando comecei no jornal, eu tenho mais ou menos um link assim, ó, o primeiro dia meu na folha por último dia na folha, é só quase exatamente, e óbvio que aqui tem um pouco mais de carga de experiência e tudo mais, mas em termos de incentivo é o mesmo.

[15:18]
A: Você já fez coberturas no Brasil e coberturas fora quando você chegou fora do país, qual foi assim a maior diferença que você percebeu e a maior dificuldade que você enfrentou nesse processo. Porque a gente está acostumado a fazer de uma forma aqui dentro, né? E aí quando a gente sai é outra realidade.

J: Primeiro assim, você tem fatores que dificultam sua o sua estadia num outro país, fatores culturais, a língua, o idioma né? Tudo isso é um peso na cobertura porque você precisa achar colegas, achar alguém que traduza, um tradutor, na questão árabe, né? Você tem que achar um segurança, e a cultura é diferente, aí quando vou voltar de novo naquela frase que eu falei.

[16:11]
Por exemplo, no voo que eu fiz do Brasil para cobrir o conflito Líbero, eu fui lendo sobre a Líbia lendo sobre a história da Líbia. Eu imprimi antes de embarcar na folha. Eu fui lá e imprimi um calhamaço de papel contando a história da Líbia: ela foi colonizada pelos italianos lá, tinha umas cavernas onde os líbios se esconderam e eles conseguiram expulsar os italianos da Líbia porque eles estavam dentro das cavernas e eu encontrei as cavernas na estrada. O cara me apontava as cavernas e eu logo entendi, e ele não falava inglês, não falava nada, ele só contava e eu ia ficar vendo, aí é óbvio que se você tem esse conhecimento do país para onde você tá indo muita coisa fica facilita, entendeu? E aí é isso. Eu fui lendo, eu descobri como se fala jornalismo em árabe, comecei a falar jornalista brasileiro em árvore algumas palavras em área para facilitar o primeiro contato.

[17:11]
Agora mesmo assim,

[17:15]
Você tem desafios enormes que é lidar com essa cultura. Muitas vezes, eu encontrei jornalistas mulheres na Líbia sem lenço e elas estavam sofrendo porque os homens passavam a mão nelas, ou seja, um lenço na cabeça protege a cabeça, porque os homens não respeitam e assim são detalhes, é sempre eu vou falar se você se preparar para cobertura menos problemas, você vai ter que é se preparar é exatamente isso bom, eu tô indo para a Líbia de um dia para noite assim. Ó, eu preparei minha viagem de manhã de tarde, já tava pronta e antes e é óbvio que muita coisa eu deixei para ir lendo, em um voo assim você não dorme, você fica lendo, você fica estudando para você chegar lá e não ter nenhum problema menor assim, carimbo visto, como é que pega o visto, você precisa de visto tudo isso você tem que tratar é uma coisa é uma adrenalina, É uma dinâmica muito rápida.

[18:13]
Se você se acostuma com ela, né? Você fica muito pilhado. Mas você se acostuma com ela e aí é isso, entendeu? A cultura entendeu? Que aonde que país que você está pondo os pés, como é que eles lidam com certas questões, e aí facilita um pouco. E aí você vai desenvolvendo a cobertura, né?

[18:31]
A: Pode muito bom, eu queria te perguntar se você já chegou a prestar serviço para alguma agência de notícia nesse meio tempo fotografando?

J: Sim, eu trabalho eu presto serviço para uma agência que manda material para fora do Brasil, Washington Post, para vários jornais e para o Brasil também, mas assim o meu contrato com a agência ele é um pouco diferente, porque, por exemplo, se a folha me chama com trabalho eu estou livre para fazer, se o globo me chama, como já aconteceu o globo, Estadão me chama com trabalho, eu também estou livre, se eu desenvolvo um trabalho pessoal meu e oferece uma folha estou livre. Agora, se eu estou lá em Ribeirão Preto, como comer como houve a tragédia dos Bombeiros lá em

Altinópolis, com houve em Furnas, eu automaticamente aí quando me acionam, a gente diz que tô indo pela agência. Aí eu coloco meu material na agência e aí ela distribui para todos os jornais. Então assim,

[19:31]
Que a nova dinâmica do da profissão hoje é essa, entendeu? Eu não tô mais vinculado a nenhum jornal, não quero mais registro, não tem CLT, não tem nada, então assim eu sou livre, é mais trabalhoso? É, porque eu tenho que sair para buscar o peixe, tem que pescar, né, para vender. E aí às vezes eles me chamam eu preciso encontrar um freela no globo, Estadão. Ou seja, hoje eu trabalho para muitos e, ao mesmo tempo, para ninguém, né?

[19:57]
A: E nesse processo de vender o seu material prazo a gente de notícia, você costuma pensar num público-alvo em quem essa foto vai atingir ou é uma coisa mais abstrata?

J: Não, a agência de notícias, ela é hard News. Pode ser que você elabore um trabalho mais pensado. Por exemplo, eu fiz uma cobertura para Agência do deserto que tá uma região que está se desejando no Brasil que emboesa no interior do Piauí.

[20:29]
E aí eu apresentei o projeto para agência de ir até essa região e documentar essa região do deserto o senhor deserto Gilbués, a agência bancou a viagem eu fui com meu fusca, fui de fusca, levei dois dias para ir depois mais dois dias para voltar e fiquei mais dois dias lá é óbvio que aí a agência pegou esse material e fechou esse material que é fechar o material, ela tem um custo esse material então os jornais não para comprar teriam de comprar todo o pacote e aí vendeu para uma esse material foi para uma revista. Enfim. E aí a gente agora mas também tá livre se a cura quiser comprar, se você não quiser comprar para fazer uma matéria ou comprar uma foto desse material é que tem um custo um pouco diferente, porque houve um investimento meu e da agência agora não é agência de Notícias, ela é diferente de Jornalismo do jornal impresso do Jornal de redação porque ela lida mais com raiva de mim.

[21:29]
Stoker né que é aquela foto para arquivo para venda de para qualquer situação, livro didático e tudo mais, então você abastece a agência. Precisamos de uma imagem de implantação de cana-de-açúcar. Eles vão lá na agência. Achei uma aqui de repente é para uma campanha de cana-de-açúcar, entendeu? Ou por um livro de tático, ou a mesma folha que era fazer uma matéria de cana-de-açúcar parar na agência e baixa essa foto e eu ganho uma grana, então é muito diversificado, não tem você, não tem um público alvo que você queira atingir, na verdade. Você tem a ideia é que todo mundo tem acesso a isso e leia você tá fazendo né?

[22:07]
A: Nesse processo de pensar num público abstrato. Como que você ainda consegue colocar o seu a sua personalidade nas fotos que você faz?

J: Aí é a leitura é uma leitura minha né? Cada profissional.

[22:27]
E ele tem uma forma de escrever um texto, por exemplo, né? Você pega um repórter que ele começa o lide pela pelo fim do da matéria. Deixa o lixo lá no final a informação preciosa que ele tem de atrair o leitor, o fotógrafo é a mesma coisa, ele acaba imprimindo um estilo de fotografia. Por exemplo. Eu tô produzindo muito material com Drone porque se a falta pede um drone essa pauta existe tem um drone é óbvio esse material do deserto. Por exemplo. Ela foi feita toda com Drone não tem nenhuma foto feito com a câmera por quê? Porque por baixo não dá para você visualizar uma coisa gigantesca que é o deserto, aquelas coisas, aquelas dunas de areia de Terra Vermelha. Como é que você consegue visualizar, então aí cada pauta eu decido mais ou menos que tipo de equipamento que eu vou usar agora imprimir a minha assinatura.

[23:27]
Já é uma coisa automática que há muitos anos fotografando você acaba criando ali, né? Traquejos seus que as pessoas reconhecem, ah parece que a foto é do Joel.

Eu fui para Amazônia agora, acabei de chegar da Amazônia, e tem muito material que eu fiz com a câmera embaixo e muito melhor que eu fiz com Drone. E aí você olha é o material muito identificado com que eu tenho né? É já tá em ruído embutido em você essa assinatura nessa coisa, agora é óbvio que eu vou explorar sempre o lado da notícia, o lado mais importante, o lado mais, o que é mais importante para o leitor, não adianta eu ir para Amazônia.

[24:09]
Fazer garimpo, por exemplo, e chega lá e ficar fazendo foto do rio cheio não tem nada a ver, então eu vou tentar chegar no assunto e tentar traduzir esse assunto com o leitor, né?

A: Muito bom, eu acho que a gente conseguiu que a gente queria se eu precisar de mais alguma coisa eu te mando mensagem, mas por agora eu queria só que você me mandasse pequeno currículo para colocar na hora de escrever no trabalho, né? Eu tenho lá no meu site, eu vou copiar no meu site e mando para você isso perfeito e já vou criar agora uma pasta no Drive onde você pode colocar essa gravação, tá bom? Aí você lembra? Passa pelo drive?

Decupagem 2 - Igor Ramos

[00:00]
André: Então, a primeira pergunta é sobre qual foi o evento que você cobriu?

Igor: Em 2010, eu cobri a Copa da África. Fiquei 30 dias lá, na época trabalhava no Jornal ACidade aí quando o Brasil foi eliminado, pela Holanda se não me engano,

[00:18]
eu pedi para o jornal para continuar lá e tal e aí continuei cobrindo a seleção do Uruguai e foi uma experiência incrível copa do mundo, né? É o centro de imprensa é maravilhoso, sem contar o país, então assim você aprende muito culturalmente e profissionalmente. Para mim foi uma aula porque na época uma cobertura de copa

fazia cobertura dos jogos, abertura da Copa e tal, os jogos do Brasil, acompanho todos e fazia matéria especiais pro jornal não só dos jogos, mas de brasileiros na África, Ribeirão-pretanos que foram até o continente acompanhar a Copa.

[01:15]
A: Quais outros documentos foram necessários, documentação assim eu credenciamento né?

I: Eu fiz através de um amigo que tinha um credenciamento em duas empresas e ele me cedeu uma. Nesse meu credenciamento, tive uma certa dificuldade, porque na foto aparecia a cara dele, aí tive que explicar que ele desistiu da cobertura por aquele jornal e que eu tava fazendo no lugar dele. Depois, o pessoal acabou fazendo o meu credenciamento normal, então foi tranquilo credenciamento.

[02:10]
Impacto é aquela coisa, né de você aprender muito numa cobertura de copa do mundo, uma experiência incrível, pena que o Brasil não foi campeão, né? Eu cobri a final da Copa, mas aí eu já tava numa vibe diferente assim não muito atento ao jogo, em si, mais aos bastidores. Eu fiquei na área vip onde reis, rainhas e personalidades ficavam, eu consegui entrar nesse lugar, com uma credencial que não dava acesso a esse lugar, mas eu acabei entrando e aí fiz algumas matérias, né? Citando a presença dessas personalidades lá **-** e tal e a Espanha acabou sendo campeã.

[02:48]
E foi muito bom, foi uma experiência que eu guardo para o resto da minha vida toda, eu espero repetir.

[03:13]
I: Então, a última pergunta sua é peculiaridade, né da cobertura de um evento mundial em relação ao dia a dia do jornalismo no Brasil, não tem muita diferença porque convivi com vários jornalistas brasileiros no centro de imprensa nos jogos do Brasil.
É uma loucura de fechamento, então assim, não tem muita diferença não, os jornalistas europeus, asiáticos, tal eh uma torre de babel a zona de imprensa. Então

foi muito legal, cara assim eu ia diariamente na zona de imprensa, fazer matérias tal e a convivência com jornalistas te mostrava muita coisa legal. A gente trocava ideias convivia com jornalistas famosas aqui do Brasil e tal então para mim foi

[03:59]
uma experiência incrível que eu gostaria de repetir pena que a copa do Catar seja muito cara, né? O país é muito caro, não deu para viabilizar a minha ida para lá.
Na ocasião, eu fui pelo Jornal ACidade, na época eu ajudei a viabilizar, financeiramente, a ida do jornal para lá através de Patrocínio, eu consegui porque eu tinha um bom Networking. O BMG bancou a minha viagem e eu fiz a cobertura de um mês lá e foi um sucesso.

[04:41]
I: Então segunda pergunta sobre o como é que foi o processo visto.

Foi um processo bacana te falei, né? O centro de imprensa, você vai aprendendo a dominar assim os horários tinha a questão do fuso horário. Eu tive dificuldade nisso, então ficava até tarde escrevendo e aqui era cedo ainda no Brasil, né? Então ficava escrevendo matéria. Até tipo duas três horas da manhã e aqui era 6 horas da tarde, né?

[05:10]
I: Então assim, há dificuldade de alimentação, porque você focava no trabalho e comi McDonald's, né? Então tinha um tempo assim, falar agora, vou jantar, vou dormir e tal, então dificuldade foi com o fuso horário porque o jornal estava em pleno fechamento. Eu já tava na madrugada lá na África, né?

[05:43]
I: Então essa cobertura da copa, para mim, foi um aprendizado maravilhoso, né? E só respondendo a primeira pergunta além de cobrir a Copa do Mundo. Eu cobrir um evento no Cazaquistão, antiga República da União Soviética, né? Olé Brasil na ocasião foi convidada a disputar o torneio há vários equipes da Europa e o Olé Brasil, tinha um time muito bom era um sub-20 sub-17, se eu não me engano e afinal foi

contra o cska foram campeões também. Foi um mês no Cazaquistão, uma cobertura muito legal, e mandava matérias diárias pro jornal e dei a sorte do Brasil ser campeão.

[06:25]
I: Olha Brasil, jogava com a camisa verde amarela, então muitas pessoas associavam Olé Brasil a Seleção Brasileira, né? A gente passeava lá na cidade em Almaty e ia no

[06:45]
Mercadão, né? A molecada então assim dava um autógrafos porque sabiam que era Brasil, né? Aquela molecadinha, né? A maioria negros tal e muito bom de bola. Alguns são profissionais, hoje jogam no Cruzeiro e tal, outros desistiram da carreira, mas para mim foi muito bom também porque foi uma cobertura pro Jornal ACidade e que foi coreada com coroada com êxito, né a equipe sendo campeão, então eu passava matérias diariamente eh nos treinos da Brasil, né? Porque aquele presidente da FIFA tal foi maravilhoso, um aprendizado incrível, mas a Copa do Mundo. Foi um phd digamos assim.

Decupagem 3 - Isabela Nascy

[00:18]
André: Você me escuta, eu não tô escutando ainda.

[00:24]
A: Acho que o microfone tá mudo.

[00:30]
A: Eu não te escuto, para mim aparece que seu microfone está desligado.

[00:36]
Isabela: Não quer ir, agora foi! Ai, é um processo, viu? Ainda bem que a gente aprende tudo no jornalismo, senão a gente estava na roça, né? Como eu falei é desculpa. Eu tô procurando outro suporte, porque esse meu não deu certo não e eu vou tentar

colocar uma aqui porque eu não vou conseguir ficar com meu telefone muito tempo segurando, senão vou ficar com muita dor no braço. Mas se você quiser perguntando alguma coisa para ir anotando enquanto eu tô montando aqui.

[01:27]
I: Nome é incrível, né? Foi meu colega no SBT, na Record, é um amigo super profissional, também uma pessoa que eu adoro e que bom que você está trabalhando, vocês estão trabalhando juntos.

[01:42]
I: Tá trabalhando com ele?

[01:45]
I: Não, o Val é uma pessoa excepcional, fico feliz, porque eu já fui estudante um dia eu sei como é isso, eu também já fiz esse papel que você está fazendo de ir atrás de…

[02:03]
… entrevistar outro jornalista e eu na época eu lembro que eu na faculdade a gente é um que a gente tinha aqui na redação mesmo e acompanhar os repórteres, sabe e foi me marcou muito foi na TV Band na Bahia, eu sou da Bahia, né? Até importante. Se você quiser anotar essas coisas, eu sou da Bahia, né? Depois eu posso falar um pouco de mim. E aí eu tive essa experiência na Band e depois que foi outra TV Bahia que a Globo de lá que eu conseguia acompanhar os repórteres foi bem legal.

[02:41]
A: Então, eu já queria começar assim com essa primeira pergunta, eu queria entender um pouquinho sobre a sua experiência com jornalismo no Brasil, né? Antes de você sair [para Luxemburgo].

[02:52]
I: Sim, é assim, eu sou Salvador, Bahia. Eu nasci na em Salvador, e fiz vestibular para psicologia e jornalismo, passei em psicologia e depois, quando fui fazer a matrícula,

desisti e falei não, eu acho que jornalizou mais minha cara. E aí fiz a universidade que a UniFTC que em Salvador e tem outros campus. Logo no primeiro semestre, eu entendi que eu tinha aquela responsabilidade de achar um estágio. Eu coloquei aquilo na minha cabeça e eu não parei desde o primeiro semestre, tipo, enquanto o pessoal tava naquela fase de curtir de na cantina na para fazer amizade, falar, fumar. Enfim, eu ficava no mural.

[03:40]
E deu certo porque em pouco tempo eu consegui um estágio e não parei nunca mais. Então assim, se hoje eu tiver que dar uma dica para um estudante de jornalismo que está começando é não esperar chegar no último semestre para achar estágio. Você tem que começar mesmo no início, porque é o que a gente vai abrir o leque, vai te dar experiência, vai te dar visão do campo, em que área você pode trabalhar, como você faz, enfim, e contatos, né? Porque uma coisa puxa outra, então eu não parei nunca mais, aí eu comecei como estagiária na Assembleia Legislativa da Bahia que é assembleia e eu fazia uma espécie de assessoria de imprensa para um deputado.

[04:27]
E depois esse deputado tinha um jornal em Feira de Santana, no interior da Bahia, e eu comecei a fazer pequenos artigos com fotografia.

[04:37]
Depois disso, como eu falo: uma coisa puxa outra, me chamaram para fazer uma participação na Rádio Cultura que era uma rádio que era de esporte, quer dizer, não a rádio de esporte [em si], mas tem um programa de esporte, me convidaram e eu sou uma pessoa assim, eu nunca digo não, eu nunca disse não, todas as vezes que falava ela tem estágio assim tem um estágio e tanto que esse estágio era na área de esporte, não entendia nada de futebol e eu aceitei assim mesmo, foi? E aí tanto que meu curso era de manhã, tive que transferir para a noite porque eu tava estagiando e nesses dois lugares na Rádio Cultura e na assembleia. E aí não parei nunca mais, depois disso fui fazer produção na Record da Bahia.

[05:23]

E depois na Tv educativa da Bahia o meu contato com vídeo foi na Tv educativa da Bahia que a gente fala TV que eu acho que ainda existe.

[05:34]
Mas foi um caminho muito difícil. Porque infelizmente no Brasil, acho que em todo lado, mas no Brasil isso é muito forte em Salvador. Era muito forte também a coisa do apadrinhamento, né? Se você tinha alguém um político conhecido. Se você fosse de uma família tradicional, você entrava, caso contrário você tinha que ralar muito para conseguir entrar na televisão, então eu desisti de Salvador, por isso porque eu falei eu vi pessoas, eu já tava com uma certa experiência né no mercado, aí eu me formei na profissão, e depois eu fiquei muito triste, porque eu vi a pessoas que tinham acabado de Universidade, não tinha nenhuma experiência conseguindo fazer reportagem, fazer quadros de cultura, apresentar, fazer previsão do tempo, então aquilo foi me traumatizando.

[06:27]
Então, fiquei muito triste. E aí a Tv educativa da Bahia, era um estágio sem remuneração.

[06:35]
Eu ia eu acordava as quatro da manhã, porque tinha um espaço para fazer a apresentação do Jornal da Manhã, começava às sete. E aí eu acordava 4 da manhã, me arrumava para estar às seis na TV para poder preparar o jornal.

[06:53]
Não foi muito tempo. Acho que foi pouquíssimos meses porque era um projeto de um jornal matinal.

[07:00]
E foi esse material que eu peguei e mandei para o Profissão Repórter da Globo e eles me chamaram. Eu tô Resumindo porque a história é grande, mas só para entender, né? E aí quando eu fui para o Profissão Repórter, eles me chamaram, falaram que meu currículo interessante tal, viram meu vídeo, aí falaram, mas a ideia do Profissão

Repórter são pessoas que não tem muita experiência e tal, já vejo que você tem experiência trabalhando em televisão e tal aí fiquei muito triste, né? Porque eu achava que eu ia ficar lá com ele. E aí eles falaram. Não a gente pode estar indicando você, de repente, para uma afilhada no interior de São Paulo em um lugar que você possa trabalhar, e me indicaram para a filial de Ribeirão Preto.

[07:48]
E aí eu fiquei, comecei com produção, comecei a fazer um pouco de reportagem, alguns pilotos, mas nada avançou.

[07:58]
E eu fiquei também muito triste nessa época, porque eu sentia um pouco do racismo no sentido de ser nordestina. A Globo exige muito da gente com relação à, desculpa, é porque aqui a gente fala muito francês e algumas palavras somem, como é que fala sotaque, o sotaque baiano, né? Eu tinha um sotaque muito acentuado e então eu fui sendo meio discriminado, sabe? Isso me deixa muito triste, mas nunca desisti.

[08:40]
Aí depois fui para o SBT, e no SBT que eu tive muito espaço com a diferença sensacional. Eu fazia direto ao vivo no jornal do meio-dia. A gente corria muito nessa época que eu trabalhei com Valmir Bononi. A gente tinha que fazer três quatro pautas na manhã e correr para voltar para o viva meio-dia. Então, assim, era muito corrido. O carro não tinha ar condicionado, Ribeirão Preto é quente e a gente tinha que estar linda e maravilhosa meio-dia. Não sei como, né? Tudo feito no carro naquela correria que você deve imaginar e foi assim e depois fui para

[09:23]
Itapetininga que é uma cidade interior de São Paulo, fiquei lá na TV Record, depois fui para TV TEM.

[09:32]
E depois a TV TEM, vim para cá. Tipo assim, chegou em 2013, 2014, já tava ficando meio saturada assim porque eu achava um mercado muito complicado. Televisão é

muito bom de fazer, mas aí no Brasil é um mercado muito complicado, muito competitivo e aquilo foi me saturando um pouco sabe? Então tipo tinha perdido da minha mãe. Eu já não tenho mais os meus pais, então eu tinha perdido já o meu pai, depois quando eu perdi minha mãe eu fiquei muito mal e aí eu comecei a pensar na vida, né? Tipo assim, poxa, o que eu vou fazer da minha vida. Vou querer continuar desse jeito e tal e aí fui abrindo as possibilidades. Quer que eu posso fazer? Quer que eu posso fazer na minha vida? E aí pronto? Foi assim falar.

[10:20]
A: Queria saber como que é sua experiência aí fora? Quais as principais diferenças que você consegue ver entre o Jornalismo aí fora o jornalismo aqui do Brasil?

[10:40]
É assim, uma coisa que a gente aprende aqui na Europa é que qualquer profissão é muito respeitada e isso é sensacional, sabe tanto que quando eu falava que era jornalista, soava até como uma pessoa pretensiosa. Você não pode chegar aqui e falar eu sou médico, eu sou advogado. Eu sou jornalista, não, você é você, né? E aí se você trabalha em qualquer setor as pessoas vão te ver da mesma forma, eu acho isso sensacional. Então esse foi o primeiro Impacto e a imprensa assim, ela é respeitada, a gente aqui não é tem tanto estresse com audiência, por exemplo. Também, país é pequeno, né? A gente só tem uma televisão oficial, mas claro as pessoas têm outras TVs, a TV francesa, acompanham outras TVs também, a CNN, enfim. Então, aqui tem uma só uma televisão oficial que é a RTL

[11:40]
E realmente a imprensa ela é muito respeitada, graças a Deus. Tive a oportunidade de no início que eu cheguei aqui, logo no início, né? Porque Luxemburgo é um país multicultural, são três línguas oficiais que se fala aqui, o francês, o luxemburguês e o Alemão então quando você não fala nenhuma dessas três línguas, você tem muita dificuldade de inserir no mercado de trabalho, então quando eu cheguei aqui e não falava nada, né? Nem o francês, fiz um curso de francês, mas não falava ainda fluentemente. Então eu fui trabalhar no restaurante. Fiquei um ano nesse café restaurante até me adaptar. Até aprender um pouco a língua, o francês, o idioma e

depois as portas foram se abrindo, aí eu fiz o Jornal Vot que é um jornal luxemburguês que tem um segmento em português de Portugal.

[12:34]
E então eu escrevia pequenas reportagens também na língua portuguesa, depois fiquei dois anos com RTP que é a TV de Portugal vai fazer uma espécie de como correspondente, né? Falava da comunidade Portuguesa que é uma comunidade muito forte aqui Luxemburgo, então, fiquei dois anos com eles e depois fui para uma construtora muito conhecida aqui no país. E aí eu implantei o departamento de marketing foi que foi muito legal que eu trouxe toda a minha experiência nesses mais de 16 anos de jornalismo.

[13:09]
E aí fundei o departamento e depois tive uma outra proposta para sair para trabalhar na associação que é onde eu tô até hoje. Tô há cinco anos.

[13:19]
E é uma associação de trabalho em parceria com o estado de português e eu cuido da parte da comunicação, mas assim, nada de glamour, é muito trabalho mesmo. Sou eu que carrego equipamento, eu que faço a montagem de equipamento, sou eu que faço edição. Enfim, eu tenho que pensar em tudo, e falando um pouco da imprensa que as pessoas aqui da imprensa são muito práticas, enquanto aí no Brasil a gente leva um milhão de equipamentos, o assessor de imprensa do primeiro-ministro trabalho com telefone.

[13:57]
E quando eu me via com aquela estrutura, né ali ralando correndo, suando às vezes, e eu vi outras pessoas fazendo a mesma notícia, a mesma situação, às vezes com apenas um telefone, um microfone. Aí eu falei, poxa, que leveza né, que leveza, como eles são mais práticos para poder dar notícia. Claro que a RTL, por exemplo, vai ter um cameraman, vai ter o repórter, às vezes o próprio câmera é o repórter, então eles aproveitam muito tempo nesse sentido, né? Então, a imprensa aqui é assim, ela funciona bem, outra coisa que eu acho bem legal não tem essa obrigatoriedade, essa

cobrança do vídeo, por exemplo, tem que ser jovem magra linda, não, a gente tem aqui mulheres de 60 anos que apresentam a previsão do tempo, eu acho sensacional, sabe?

[14:57]
É a bagagem de experiência, imagina tem uma repórter, uma apresentadora que tá há mais de 25 anos no ar e ela é um ícone assim, jornalismo, né? Então, assim eu acho isso muito legal, muito vem aquela cobrança, né de você, tem que estar sempre jovem, tem que estar sempre magra, tem que estar sempre impecável, né? Então, eles não olham desse jeito, eu acho isso muito interessante. Então, assim, realmente eu aprendi muito aqui. Primeiramente, eu agradeço muito esse país por ter me dado a oportunidade de trabalho. Eu gosto muito de falar isso, né? A gente tem que ser grato, mas foi todo um esforço também, eu tenho quase 10 anos aqui e falo francês e agora eu tô aprendendo luxemburguês, porque assim você tem que se inserir no país, né? Sempre falo assim também, não é o país que tem que se adequar, a gente tem que se adequar ao país, né? Porque infelizmente muitos imigrantes chegam aqui …

[15:56]
… porque a comunidade portuguesa é grande, aí começa a falar português. Ah, eu aqui cada canto que eu vou as pessoas falam português, que legal e tal, esse é o maior erro porque depois essas pessoas elas não se desenvolvem. Elas ficam no mesmo setor a vida inteira tanto que assim normalmente a gente fala que quem chega no país para imigrar e trabalhar, tem muita dificuldade de arrumar um emprego primeiro, né? E aí a primeira barreira é a língua, é o idioma, e se essas pessoas não entenderem isso. Elas não vão ter nunca uma boa qualificação no mercado de trabalho. Então fica muito limitada, tipo assim, eu quando trabalhei no restaurante logo que eu cheguei aqui em 2014, as mesmas colegas continuam lá fazendo as mesmas coisas, sabe assim, então as pessoas não evoluem. A partir do momento que uma pessoa, seja jornalista ou outro setor, vai fazer essa mudança …

[16:56]
… a questão da Integração é muito importante.

[17:01]

A: Essa vontade de ir para fora do país, ela sempre foi sua ou ela foi uma coisa que se desenvolveu naquele momento que você falou que você tava muito desgastado da imprensa brasileira e você decidiu olhar suas possibilidades?

[17:16]

I: É assim, eu acho que hoje quem tá no jornalismo. Tem que ter um olhar muito, vasto assim muito aberto, porque o mercado mudou depois que os aparelhos que os telefones chegaram.

[17:35]

As coisas mudaram muito, então tipo assim hoje qualquer pessoa acha que pode ser jornalista, claro que o telefone ele facilita na nossa vida como a gente tava falando antes como eu falei isso daqui, mas tem que ter uma responsabilidade também, eu acho que a minha vontade de sair do Brasil, foi sim num primeiro ponto por essa desvalorização do mercado, né? No sentido de que eu quando estava na universidade ainda a gente teve uma palestra de Ricardo, um Jornalista super conhecido, e eu fiquei tão revoltada na palestra que eu quase que ele falou assim: “Que que vocês estão fazendo aqui”. Já começou assim. “Que que vocês estão fazendo aqui? Por que vocês não escolheram outra profissão, gente?” Como assim ele vem para cá e nos desmotiva, a gente tá aqui pra aprender.

[18:28]

E ele tinha razão, né? É muito engraçado isso que a maturidade vai mostrando para gente porque o mercado no Brasil acho muito saturado como outros setores também são, mas tem muitos bons profissionais que às vezes não são muito bem aproveitados, tem outras pessoas que fazem porque acham bonito, porque querem aparecer, né? Não é bem assim, a gente tem uma responsabilidade social, isso é muito sério. Então a partir do momento que as pessoas não entendem que o jornalista tem realmente um papel importante na sociedade. Infelizmente. alguns estudantes não percebem isso, por isso que a maturidade me ajudou muito a enxergar muitos pontos e um deles foi esse que eu vi que o mercado estava saturado, eu via como eu

te falei no início um pouco de racismo, né? “Ai que essa nordestina veio fazer em São Paulo”, tipo assim, né? E eu me achava…

[19:28]
… tão competente quanto os outros paulistanos, quanto as outras pessoas que estavam ali comigo na redação porque eu acho que cada um com seu estilo de fazer reportagem, cada um tem um estilo, um jeito de olhar a pauta e sei lá tem uma sensibilidade, né que você vai ter uma ideia de fazer uma passagem daquela forma de pedir o câmera, cinegrafista, para fazer uma imagem daquele jeito, então assim isso tem que ser respeitado, né? Então eu me senti muito desvalorizado e isso foi me desmotivando e depois também perdi minha mãe e tal eu comecei a repensar tudo, eu falei, poxa, é isso que eu quero para o resto da minha vida? Vou ficar nessa briga constante de audiência que eram coisas que me deixava muito irritada. Eu tive uma proposta inclusive para ir para Record, eu tava na Globo e a TV Record voltou a fazer uma proposta para voltar um programa de variedades. Me ofereceram um bom salário e tudo,

[20:28]
mas eu tava tão desmotivada naquela época que eu falei assim não vou porque tipo assim eu tava tão chateada. Tinha algumas situações do tipo, uma vez eu fui fazer um ao vivo com governador de São Paulo na época e depois do meu chefe de reportagem, quando eu cheguei ele me gritou tanto, tipo assim, ai você tava parecendo que era assessora de imprensa do governo, tipo assim, ele queria que eu polemizasse o ao vivo, só para dar audiência, né? Existia a pauta, eu tava dentro da pauta, dentro das questões da pauta, mas no meu estilo né? E eu fiquei muito chateada com aquilo, então foi me traumatizado também. Falei, poxa, tudo pela audiência. Então, você acaba se perguntando cadê o respeito ao público, né? Cada respeito a notícia, não tem que pensar só na audiência, audiência é importante claro, mas a credibilidade né? Eu respeito a pessoa e aí?

[21:28]
Acidente, por exemplo, quando tinha acidente queria que a gente ficasse perguntando para família. Queria que a gente ficasse no meio da situação no meio às vezes dos

escombros das pessoas que é o sensacionalismo, não deixa de ser né? Então assim, aquilo foi me pegando, até que ponto vale a pena essa luta pela audiência, sabe? E você vai se questionando, mas isso tudo você só consegue ver como a experiência com o dia a dia, né com o mercado que você conseguiu passar. Eu, graças a Deus, consegui praticamente passar por todo esse segmentos do jornalismo, assessoria de imprensa, rádio, internet e televisão, né? Então graças a Deus eu me sinto feliz, realizada, tanto que hoje eu ainda tô na minha área, né? Tô na comunicação, mas se eu tiver que partir para um outro setor eu vou estar realizada, sabe? Claro que a gente ama, né? Que a gente faz que nem.

[22:28]
A gente fala é um bichinho, uma cachaça, que você nunca vai deixar de querer fazer né? A gente ama o que a gente faz, mas enfim a experiência ajuda a gente enxergar as coisas de uma outra forma também. Ah, eu não posso esquecer de uma coisa na época que eu tava na TV Brasil, eu tinha muitas propostas para fazer publicidade.

[22:49]
Porque enfim é a questão, não é? Boa aparência, né? Eu acho que é a simpatia, você saber falar com o público e tal. Então, eu sempre fui muito procurado para fazer merchans e tal e na Globo a gente assina o contrato de exclusividade, né? Então era muito engraçado assim que eu recebia tá na redação o pessoal. “Ai, nossa, gente queria ser viesse fazer aqui um comercial para loja de carros”, enfim, vários produtos, loja de roupa e tal e eu não podia fazer nada. Aí depois uma chefe minha de reportagem falou assim: “Ai isa, se você fosse modelo você já tava rica” porque tinha muitas propostas, mas aí eu não podia né, são setores diferentes não pode fazer publicidade e jornalismo, né? Enfim. Então, mas aí o que aconteceu, eu ouvi os conselhos do meu pai porque meu pai falou para mim assim quando eu era pequena adolescente, na verdade, foi da publicidade sempre foi forte e as pessoas…

[23:49]
… me paravam na rua, para os meus pais, você podia fazer propaganda e tal a minha mãe e meu pai nunca gostaram, nunca quiseram e eu ficava triste. Aí quando eu fui crescendo adolescente, né, vaidosa e tal. “Ai pai, eu quero fazer, eu quero ser modelo”

e ele falava “minha filha, estuda primeiro, estuda, faz sua formação lá, depois você tiver oportunidade, você já vai estar no seu diploma”. E aí você que é o que tá acontecendo hoje, então hoje eu faço algumas publicidades paralelo a minha profissão.

[24:21]
A: Chegou a hora da pergunta que eu tô perguntando para todo mundo que eu tô entrevistando, né. Com todos os seus anos de experiência, qual você acha que é a qualidade principal qualidade de alguém que quer ser correspondente?

[24:36]
I: Saber falar as línguas. Esse é o primeiro ponto, depois eu posso até mandar para você um Jornalista daqui que fala fluentemente cinco ou seis idiomas. Depois eu vou te mandar um vídeo dele, você tem que citar isso no seu TCC, porque é uma coisa impressionante ele fala alemão, ele fala francês, ele fala espanhol, ele fala português a mesma notícia! E você fica assim [abismado]. E aí ele tem hoje um respeito enorme assim, né? As emissoras ficam atrás dele quando tem qualquer notícia assim muito importante que é um tema que é Mundial, fica atrás dele porque ele é muito bom, então assim primeira coisa correspondente, tem que saber no mínimo falar.

[25:30]
Duas línguas ou Inglês, ou francês, se você for para algum lado da Europa que fala francês, enfim, tem que ter, senão não adianta, sabe. É como se você tivesse ali engatinhando. Você tem uma experiência, mas aquilo não vai avançar tão rápido, essa é uma coisa mais a longo prazo e é isso vai fazer você perder tempo.

[25:53]
Mas assim o correspondente ele tem que ter esse Tino, né da língua do idioma e saber sobre o país que ele vai querer trabalhar, saber sobre a cultura do país, saber entender como é que funciona porque também. Essa é uma das principais Barreiras da Integração, é você se adaptar ao país, né? Clima, alimentação, moradia. Pode parecer besteira, mas eu tenho muita gente que eu conheço que não conseguiu ficar aqui por causa do frio. Luxemburgo é um país muito frio e praticamente todos os dias do ano

o céu é cinza, a gente tem poucos dias de sol, então tem gente que não se adapta, né ao clima. Apesar de que todas as casas terem aquecimento, os transportes, mas tem essa questão, né? Então tem pessoas que não se adaptam. Então assim, essa barreira da Integração também é importante a pessoa entender como é que funciona o país e a cultura.

[26:53]
E acima de tudo, não ter medo, preconceito, receios porque que nem eu te falei aqui as pessoas vão te olhar igual, né? Você pode ser um superstar da televisão, um ícone lá, o âncora. Aqui as pessoas vão te olhar da mesma forma que olham para a mulher da limpeza, para o homem que trabalha na construção. Você é igual então é bem interessante, por que pode parecer que não, André, mas as pessoas elas se chocam, por exemplo, uma pessoa que tem uma vida muito boa no Brasil e tal e quando chega aqui né? Por exemplo, você não tem condições de ter uma pessoa para fazer limpeza em casa, uma faxineira é muito caro, é uma mão de obra muito, cara.

[27:39]
E às vezes as pessoas no Brasil, quando vem para cá, muita gente que chega que tem um pedrão de vida muito alto, ela tem muita dificuldade de lidar com algumas situações, então para correspondente é igual para ele vir para cá, ele tem que saber fazer tudo, sabe cozinhar, arrumar a casa, vai ser ele que vai lavar o banheiro vai ser ele que vai ter que fazer tudo, vai ter que fazer as compras, e outra, precisa saber como é que funciona também a parte da hierarquia, né? Isso também é muito importante. Como é que funciona a hierarquia do país, é que a gente tem um Grão-duque que é como se fosse um rei, né? Então existe o Grão-duque, depois tem o primeiro-ministro que é como se fosse presidente do país. Então você tem que entender esse sistema para você conseguir noticiar, né? Para você conseguir estar próximo desse sistema e conseguir passar a notícia.

[28:33]
A: Do jornalismo mesmo se você encontrou alguma diferença muito gritante no processo jornalístico?

[28:46]

I: Tecnologia. Eles têm muita tecnologia, é uma coisa assim surreal, eu inclusive tenho muita dificuldade hoje. Inclusive, eu preciso fazer um trabalho de reciclagem porque eles têm computadores um sistema muito bom, né? Então assim, eu já visitei na televisão e eu fiquei impressionada com estúdio, eles têm um prédio enorme, uma coisa assim impressionante, né? Aí, eles são tudo, então, você é muito a tecnologia, os computadores são todos de última geração, sabe? E as pessoas fazem edição ali mesmo. É isso que eu te falei, as pessoas também entendem de tudo, ela faz produção, ela faz reportagem, ela edita, ela faz tudo isso de certa forma é bom porque você não fica limitado, tipo assim. Você tem os editores de imagens. Você tem os editores de texto, mas todo mundo sabe fazer tudo, não é igual aí no Brasil.

[29:46]

Um faz a iluminação, um dirige, outro faz, sabe assim, não. Todo mundo sabe fazer tudo, né? E atrelado a isso, a tecnologia. A gente tem um material de câmeras, drones, tudo que você puder imaginar de tecnologia de ponta, eles têm. Então, essa é uma grande diferença assim sabe a gente vê isso na qualidade da imagem também quando a gente assiste telejornais, o áudio, tudo é impressionante.

[30:16]

A: Acho que era isso que eu precisava, muito obrigado por ter tirado um pouquinho do seu tempo.

I: Ah foi um prazer enorme prazer poder ajudar poder contar um pouco da minha experiência. Eu queria deixar uma palavra para todas as pessoas que tem vontade de fazer jornalismo que faça, mas que façam com responsabilidade por amor a profissão, estejam abertos para o mercado. Porque o mercado hoje está muito complicado em qualquer lugar do mundo, mas se a gente tiver aberto. Ou seja, eu sou um Jornalista. Eu sou um Jornalista. Só trabalha em rádio não você é um Jornalista, não importa você é um Jornalista, né? Então assim acabar com esses títulos, né que acabam bloqueando o profissional que o chefe de reportagem também tenham menos.

[31:15]

Sei lá, respeitem mais o profissional. Acho que cada pessoa é uma pessoa, é muito ruim ver todo mundo robotizado. Tem que ser daquele sistema Claro tem que ter um sistema em hierarquia. Eu acredito que sim, é assim que funciona umas coisas, mas respeitar o estilo de cada profissional, respeitar o estilo de cada estagiário. Eles são muito importantes na redação e às vezes as pessoas não dão valor de estagiário, né? Todo estagiário, ele tem um papel extremamente importante, eu posso dizer que grandes pautas nascem através do estagiário, então que valorizem tá mais Estagiários que é onde tudo começa e o chefe de reportagem não esqueçam. Nunca que um dia eles também foram estagiários, um dia também foram produtores, que respeitam jornalista, que respeitem esses profissionais que às vezes deixam de estar com a família porque no trabalho que exige muito da gente, né? Fim de semana, feriado, Natal, ano novo…

[32:15]
… você tem que estar ali nos plantões, então assim é uma profissão que realmente exige muito da gente, né? Então que esse chefe de redação tem também esse olhar né? Esse respeito com profissional.

Um grande abraço para todos os jornalistas no Brasil, meus colegas queridos e força muita coragem.

[32:35]
A: Muito obrigado Isabela. Tchau para você. Bom trabalho, tá?

I: Obrigada. E precisando é só mandar uma mensagem tá bem?

Decupagem 4 - Yan Boechat

[00:00]
André: E a minha pergunta para você é a seguinte: quando a gente fala em produção jornalística, em questão de apresentar pauta, colher conteúdo, matéria e escrever a matéria. O que você considera como diferença do Brasil para o exterior?

[00:16]
E obrigado.

[00:23]
Yan: Lá fora tem muito mais investimento, dinheiro, é uma questão de grana. Quanto mais grana você tem, mais conforto você tem, você tem uma melhor qualidade de vida.

Eu sou um cara que me transformei numa banda de uma pessoa só, eu escrevo, fotográfico e filmo. Se eu fizer só uma das coisas, a minha qualidade seria muito melhor. É aquilo que a gente falou, eu faço tudo uma força mal feito.

Eu procuro encontrar atalhos para conseguir não passar vergonha, você pega uma produção ali do *New York Times, The Guardian,* e por aí vei, tem uma densidade, entendeu? Que eu não tenho, pelo menos os jornais daqui não tem.

Então, isso é grana, um investimento, jornalismo é um negócio caro de fazer, porque jornalismo bem feito, né? Você tem que mandar um sair daqui, para ir pra lá, colocar não sei o que, o cara tem que ficar lá um tempo, e às vezes dá errado.

[01:23]
E precisa de mão de obra qualificada, muito qualificada. Então, é muito caro, a diferença é essa, a gente faz um jornalismo aqui, bom, eu acho

[01:34]
Profissional, relativamente bom. Tecnicamente ok, mas a gente não sabe o que acontece no Brasil, não tem, não mandam um cara para ir para o Mato Grosso saber o que tá acontecendo lá no Mato Grosso, aí de repente vem o Bolsonaro rebentando o Mato Grosso e todo mundo se espanta. A gente não sabe o que acontece nesse país.

Decupagem 5 - Patrícia Vittorazzi

[00:58]
André: Olá boa noite, sejam muito bem-vindos ao Repórter Mundo, o seu portal de jornalismo Internacional hoje aqui no espaço da rádio Unaerp, eu sou André Bettarello, sou estudante de jornalismo, quase me formando. E hoje você seu apresentador nessa noite fica aqui com a gente até o fim porque hoje vai a gente vai bater um papo super legal com uma jornalista mestre em sociologia gente uma pessoa incrível, tá? Ela é mestre em sociologia política. Ela é professora jornalista e mora em Nova York, desde 2004, nós vamos bater um papo super legal com a Patrícia vitorazzi seja muito bem-vinda Patrícia.

[01:36]
Patrícia: Prazer é todo meu André, obrigada, viu pelo convite, estou muito feliz de estar aqui.

A: Ah, que bom Patrícia. Eu queria que você me contasse um pouco sobre a sua experiência com o jornalismo ainda aqui no Brasil. Como que foi? Esse processo?

P: Eu sempre quis ser jornalista desde criança, eu sou de uma geração que passou pela ditadura. Então, eu achava que escrever e publicar coisas, sobre a minha cidade principalmente, seria um primeiro caminho assim de ter bastante apoio, né da comunidade também de poder repercutir em alguns pontos, mas curiosamente eu fui cair no campo cultural que era uma coisa que eu gostava muito, então eu acabei cobrindo muitas coisas de cinema, cobri um pouco de esportes ainda quando era jornalista estudante de jornalismo, como você André, então eu comecei a estagiar em pequenos jornais da cidade, né? Jornais pequenos jornais que tinha uma tiragem ainda impressa muito pequena.

[02:36]
Que me deu muito caminho pro aspecto cultural que era o que eu sempre gostei, mesmo assim acabei fazendo depois política, mas eu nunca trabalhei no jornalismo político, eu trabalhei bastante com a parte cultural e um pouco de trabalho também

que eu fiz é com viagens que foi uma coisa muito legal, curiosamente hoje eu trabalho com isso aqui é em Nova York, escrevendo sobre cultura e também sobre viagem. Então, em Ribeirão Preto foi uma passagem muito breve, em termos profissionais, né? Trabalhei aí em alguns jornais pequenos como eu já te disse e numa antiga super sal da Folha de São Paulo que nem existe mais, mas sempre na na sessão de cultura, eventos, shows e tudo que acontecia aí na terrinha, né que era muito bom.

[03:26]
A: Patrícia e quando a gente fala do momento aí que você chegou aí fora, né? Quando caiu assim a ficha que você não tava mais em casa e agora vocês tinham aí que se cuidar principalmente em relação à sua profissão?

P: Eu nunca sonhei morar fora do Brasil, no máximo eu queria talvez morar em Brasília ou São Paulo, mas eu nunca sonhei em ter essa mudança tão radical na vida, mas as coisas foram acontecendo. Então o momento da ficha caiu quando eu ganhei uma bolsa de estudos, né pra estudar e trocar informações culturais que seria mais um intercâmbio cultural e profissional na Irlanda. Então, foi meu primeiro passo para sair de Ribeirão. Preto ter uma experiência no exterior. Eu nunca tinha morado fora do Brasil e o que aconteceu na Irlanda que foi uma troca de experiências culturais e jornalísticas também. Visitei várias televisões e jornais e revistas da Irlanda.

[04:26]
E muitas outras cidades lá da Irlanda, aquilo lá me abriu uma curiosidade de tentar outras possibilidades fora e foi quando uma oportunidade de bolsa de estudo surgiu para morar nos Estados Unidos. Tinha tudo para voltar, né? Um ano inteiro que eu fiquei aqui nos Estados Unidos, seis meses que eu fiquei na Irlanda, tinha tudo para voltar para casa, mas as oportunidades foram acontecendo abrindo e muito mais na área a educacional, um pouquinho menos no jornalismo, mas eu nunca deixei de escrever que é uma paixão, né? Hoje a gente fala muito de mídia social de coisas que acontecem imediatamente. Mas eu sempre gostei muito do tradicional mesmo do jornalismo impresso do jornalismo que tem pesquisa que corre atrás de fontes que verifica três quatro vezes as informações. *Double check*, né? Como a gente fala aqui nos Estados Unidos, sempre rechecando informações.

[05:26]
Aí eu falei “nossa, e agora, o que eu vou fazer aqui nos Estados Unidos?” e de alguma forma eu consegui uma Independência para poder hoje fazer daquilo que eu escrevo um prazer, não uma coisa só monetária. Mas uma coisa que tá muito ligada com aquilo que era original em mim que era o prazer de escrever e falar sobre cultura.

A: Muito legal, e pegando um pouquinho dessa experiência aí tanto na Europa quanto nos Estados Unidos eu queria saber da produção jornalística mesmo. Quais foram as principais diferenças que você encontrou nos trâmites que a gente que vive diariamente dentro de uma redação, como apresentar pauta, apurar notícia, até escrever mesmo, quais foram essas diferenças que você encontrou daqui do Brasil e daí de fora, né?

P: No Brasil era muito manual, mesmo assim eu sou de uma geração de máquina de escrever o universo, né, André? Não sei nem se você teve acesso a uma delas. Acho que não hoje é um objeto de museu. Então, só de pensar que na época de estudante mesmo profissional recém-formada, quando eu trabalhei para esses pequenos jornais aí de Ribeirão, quando eu contribuo na sucursal da Folha de São Paulo, eu tava falando de um modelo manual mesmo, literalmente manual, de você ligar, pegar informação, checar, marcar entrevista pessoalmente, quando a pessoa não tava disponível, você tinha que esperar e lá pessoalmente com um fotógrafo a tiracolo que tirava fotos e que depois ia pro laboratório revelar as fotos, né? Então, eu tô falando de uma época na lógica que muitos de vocês que estão ouvindo agora, né? E os novos estudantes de jornalismo não conhecem. Essa fase da minha carreira, no começo do meu envolvimento com o jornalismo, era muito difícil, era muito de *labor [expressão em inglês para uma tarefa árdua e demorada],* né? Aquela coisa ‘*laborial’* mesmo de você ter que escrever usando papel errada às vezes.

[07:26]
Tinha que jogar tudo e começar tudo de novo. Eh e faz parte dessa linha de jornalismo.

Eu senti dos Estados Unidos e mesmo na Europa, foi que aqui Principalmente nos Estados Unidos já tinham um caminho um pouco mais curto. Vamos dizer assim, né? Você corta os atalhos para chegar nas fontes, os atalhos para fazer uma fotografia mais rápida, não tinha tanto trabalho laboral como eu comecei a fazer o jornalismo hoje, você vê um celular, ele pode ser tudo, gravador, ele pode ser aquilo que tá filmando, ele pode ser o aparelho que vai tirar fotografias e depois essa fotografia pode servir como documento, mas no Brasil eu não tinha nada disso. E não foi nem uma questão de “ah porque eu estudei nesse lugar”, “porque eu não trabalhei numa grande empresa jornalística”.

[08:26]
Não é nada disso, tem a ver com o período mesmo, então a grande diferença tentando responder foram as eras que se mudaram né? Nós tivemos uma era analógica, uma era onde tudo era muito manual mesmo para uma mudança que eu tô sentindo mais aqui por estar morando aqui a quase 20 anos, o ano que vem vai fazer 20 anos, então essa revolução na internet, essa revolução na era digital, né? Fez com que o meu trabalho aqui tanto de entrevistar e mesmo dar entrevistas como agora estamos falando, eu tô aqui em Nova York e você tá em Ribeirão, tudo isso foi possível pela era digital. Então eu acho que no meu caso e também falo pela minha geração de jornalistas. Essa foi a grande mudança, né? E a gente ainda carrega um pouco daquela coisa. Ah, eu não sei viver mexer direitinho nesse aplicativo. Eu não sei como funciona.

[09:26]
Porque eu sou fruto de uma era é analógica, né de uma era muito manual e a diferença nisso é a rapidez. Então hoje em dia por há uma fonte é mais rápido, hoje em dia você ter certeza de que aquilo é um fato de verdade é muito mais é rápido de você apurar do que na época onde a gente dependia de uma linha telefônica praticamente não é.

A: Muito legal, Patrícia! Eu queria saber de você, pegando um pouquinho isso de nós sermos uma geração de jornalistas que vem já do digital, se você considera isso uma vantagem para nós ou uma desvantagem para esses profissionais que estão sendo formados?

[10:08]

P: Tá bom, vou responder honestamente André, eu acho que quem era analógica tem uma dupla vantagem, a gente conhece os dois, né? Então claro, aqueles que não se consideram jurássicos que se propuseram a enfrentar o que tá acontecendo, aprender, ter aula de como mexer no computador e tudo mais, eu sou essa geração que transitou entre uma máquina de escrever, o livro, para um computador. Então, eu tive que aprender, então é na minha memória, é educativo e tudo mais eu tenho esses dois caminhos, né, o analógico e o digital. Eu acho que nós temos essa vantagem que é uma vantagem, eu diria, uma vantagem contextual, a gente sabe o que é ler um livro até o final livro papel, que hoje ainda existe claro, mas hoje você tem outras formas de adquirir aquele conhecimento através de um podcast, por exemplo, coisa que não existia na minha vida, né de imaginar que eu

[11:07]

Tá lendo um livro, ouvindo livro, enquanto eu dirijo, nada disso era possível. Então, eu acho que hoje é os jovens jornalistas. Eles uma expressão americana, tá que a gente usa o "*take for grant it"* a gente não aproveita, não se dá conta de que foi muito importante, muito trabalhoso chegar até a era digital e muitas vezes a gente fala. Ah, tá tudo muito fácil. Tá tudo alcance de um teclado, tá tudo alcance de um né de um celular, eu acho que a geração que está hoje se formando em jornalismo, tem que ter um pouco mais assim de profundidade, saber que nem tudo foi tão simples de chegar na informação, eu acho que a gente leva uma vantagem mínima mais leva que a gente consegue comparar o que era né? E o que é hoje, então acho que nesse sentido os seus professores também podem falar sobre isso, né? A gente tem um pouco mais de visão do que era do que é hoje.

[12:05]

Mas vocês ganham na rapidez

A: Patrícia, trazendo um pouquinho mais para atualidade, você atuou inclusive como diretora de marketing da Kaplan, né? E eu queria saber como se você sentiu que os

seus conhecimentos adquiridos até aqui mesmo no Brasil foram aproveitados da maneira, como eles deveriam. Quando você chegou aí fora?

P: Uma pergunta excelente, porque, na verdade, o americano tem uma visão muito diferente da do brasileiro. O americano é dentro da caixinha, como a gente fala, né? Eles não seguem nada fora do manual e eu venho, imagina, de Ribeirão Preto, de uma cultura do improviso americano, não tem essa cultura do improviso, eu me lembro muitíssimo bem dando aula na Unaerp, quando já era professora de jornalismo e de sociologia. Principalmente nos cursos de comunicação, às vezes um equipamento não estava funcionando. Eu estou falando de um equipamento que você nem conhece que é um de colocar aquelas.

[13:05]
Aquelas folhas para projetar na parede, né? É uma coisa que hoje não está realmente no mundo da Universidade, vocês hoje têm projetores no computador, projeta numa tela, mas eu tinha aqueles filmes que você realmente projetava, às vezes o equipamento não estava disponível e eu tinha que

[13:28]
Improvisar. Então eu acho que o brasileiro vem de uma cultura de improvisação quando eu fui diretora de marketing de uma organização grande, a Kaplan é do Washington Post. Mas é uma empresa mercadológica que só pensa em dinheiro, né? Que só pensa em lucro, na qual eu tinha metas para alcançar e para cada trimestre, superar as metas, tudo que eu aprendi no Jornalismo e também nas coisas que eu aprendi dando aula para publicidade e propaganda, me serviram, mas o americano ele não entende essa flexibilidade que nós temos. Então foi bom de um lado de eu aprender esse rigor americano que tudo tem que estar realmente de conforme o manual, conforme dita o manual, dentro daquela caixinha mesmo. Por isso, eu tive que me frear muitas vezes para não ser tão criativa, né que o americano ele não se importa muito com isso. Ele quer, na verdade, resultados.

[14:28]

Eh, mas isso não tem a ver com a empresa, né? Tem a ver com a cultura mesmo, a cultura brasileira é uma cultura mais criativa, mais generosa nesse sentido da gente ter outros meios de resolver um problema enquanto os americanos principalmente na cultura corporativa de grandes empresas. Eles seguem a risca o manual, né? Não é à toa que os maiores livros de como fazer isso como fazer três pontinhos vem da indústria daqui, né? Como resolver um aparelho. Como consertar uma mesa, eles têm manuais, eles são bastante viciados em manual e eu fiquei muito restrita. Mas tudo é uma troca, né, André a gente aprende de um lado, acerta de outro e eu tenho a impressão de quando eu trabalhei lá por quase nove anos eu devo ter contribuído também de uma certa forma com esse nosso jeito mais criativo e mais é pronto para resolver.

[15:28]
Espero que eu tenha contribuído muito legal.

A: Então aí nesse ponto você também tem a dupla vantagem como você trouxe aqui pra gente.

P: Acho que sim, eu acho que sempre é bom carregar, né, e todo mundo fala você já virou americana no sentido cultural, não é impossível, né? É impossível a gente esquecer toda a cultura. Que bom, né? Que eu Trago do Brasil.

[15:54]
A: Patrícia e agora você usa comunicação também para o seu negócio, né com o seu blog e o seu podcast o "*New York Step by Step"* e eu queria que você contasse um pouquinho dessa experiência para gente.

P: Ah legal. Obrigada, é eu criei essa empresa depois que eu saí da cápsula, né? O Klan como a gente fala do Brasil. Eh a minha empresa. Vai fazer 11 anos agora em novembro no dia 28. Eu tô muito feliz foi, na verdade, um salto, né de querer sair de um modelo é seguro. Vamos dizer assim, quando você trabalha para uma empresa é uma coisa segura. Você tem salário certinho, você tem férias remuneradas, você tem seguro saúde, eu larguei isso porque eu vi que não, não ia crescer mais e também eu

acho que é por causa desse formato americano de você não conseguir sair desse manual, eu queria alçar outros voos e tomei a coragem de criar minha própria empresa e faço uso muito hoje da palavra escrita, né? Que hoje?

[16:54]
Ela é digitalizada, a gente digita e posta, né as postagens para trabalhar com a New Yorks que é a minha empresa de tradução turismo e é consultoria educacional é um mix né? Na verdade, a cara dela é mais para turismo, mas, na verdade, eu uso a minha empresa para fazer outras coisas também relacionadas à educação, principalmente que é uma coisa que eu sou apaixonada, então algumas universidades têm me contratado para fazer *tours,* eventos, entrar em contato com outras universidades daqui a palestrantes. É então assim a gente faz coisas, eu faço coisas de curadoria, busco aí alternativas para essas pessoas que vem a Nova York como turistas, então assim sair daquele padrão tradicional de conhecer somente as partes mais importantes da cidade, mas muito história, eu não deixei de ser professora.

[17:54]
Não deixei de ser jornalista nesse sentido de estar sempre pesquisando o que a cidade tem de novo e faço uso muito do jornalismo para isso, né? Então eu escrevo os meus roteiros, quando eu gravo o meu podcast que tá um pouquinho atrasado, eu preciso retomar eh, eu escrevo todos os dias para as postagens das mídias sociais. Eu muitas vezes faço minhas próprias fotografias e vídeos, às vezes eu compro de outras pessoas que colaboram. E então eu acho que é uma vitrine legal, tu não eu tô num lugar muito legal assim de trabalhar com o que eu amo que é conhecer pessoas, receber pessoas, principalmente os brasileiros que vem para cá, mas também não deixei o meu lado acadêmico, né? Então eu trabalho com algumas universidades também, a semana passada tava com a Universidade do Texas. Então a gente já trabalhou com London Business School e outras que acabam me encontrando pela mídia social também.

[18:54]
Né para fazer trabalhos de curadoria, gosto muito do que estou fazendo agora.

[19:00]
A: Que bom é sempre bom poder usar o que a gente gosta no trabalho.

P: Agora a gente está numa fase que as coisas presenciais já estão voltando, então o turismo foi bastante eh sacrificado na pandemia não todas as áreas foram mas essa principalmente onde a gente não substitui uma viagem por um vídeo, né? Então, por mais que eu tenha produzido em termos de audiovisual. Acabei fazendo dois cursos com jornalistas da Rede Globo o ano passado em áudio visual para ter muito mais noção de enquadramento de conteúdo de linguagem é de filmagem que era uma coisa que eu não tinha muita paixão, né? Vamos dizer assim de novo. É porque eu sou de uma era analógica, uma era onde eu escrevia realmente na máquina de escrever, então o vídeo era um tabu assim para mim. Nossa, agora eu vou.

[20:00]
A fazer vídeos e tenho eh enfrentado isso né? Deixando um pouco de lado não só o medo, mas eh que eu sou muito apaixonada pela palavra escrita, mas eu falei não tá na hora da gente acompanhar essa revolução que tá vindo com podcasts com muitos vídeos curtos e capazes de mostrar a cidade de uma forma diferente então com a pandemia eu acabei fazendo um pouco mais disso é e pouco de trabalho de serviço, né que é receber o cliente levar o turista para conhecer a cidade tudo isso eu tive que parar, mas agora voltou tá bem animado esse ano desde maio eu tô trabalhando muito tá sendo muito bom.

A: Que bom Patrícia eu não sei você, mas essa é uma das partes que eu mais gosto do jornalismo que a gente consegue colocar a comunicação em tudo, né na vida?

P: Ai, comunicação é tudo né, comunicação é tudo. A gente que fala que química é tudo, pode ser, mas a comunicação é tudo também. Desde você …

[21:00]
… ah, falando com um vizinho eh explicando o problema para uma pessoa eh atendendo um telefone respondendo um e-mail. Eh entrando ao vivo como estamos agora é tudo isso eh comunicação e o que depende muito da pessoa e a gente cada

vez mais eu não sei você cada vez mais. Eu vejo que nem todo mundo nasceu para comunicação, né na era digital, você acha que todo mundo dos influencers a esses modelos e tudo são pessoas de comunicação, nem sempre porque a comunicação é ela é treinada, né? Ela tem que ser treinada. Então existe técnicas existem teorias que a gente estuda bastante, mas ela é treinada, então quanto mais treinar melhor e puxando um pouquinho dessa parte da comunicação, é eu pesquisar sobre você, eu descobri que você fala mais de cinco línguas, né? O inglês, ou francês, ou italiano, ou alemão e o espanhol.

[22:00]
A: Eu queria te perguntar se você acredita que é essa, essas várias línguas podem ser consideradas o maior atributo de alguém que quer ser correspondente ou qual seria na sua opinião?

[22:15]
P: Adoro a sua pergunta, André, porque eu, na verdade, vou revelar aqui um sonho de criança. Eu queria ser Diplomata. Mas, sabe né? Eu nasci na época da ditadura e numa época, onde diplomacia para mulher era algo impossível assim altamente possível. Hoje é muito difícil também, mas naquela época era algo impossível e eu me lembro que uma das profissões mais próximas na minha consciência ainda de criança. Era jornalismo, por que eu jornalismo tinha né? O jornalista tinha que viajar hoje. Você sabe que não hoje você sabe que a gente pode ter um correspondente algum ponto e ele vai estar reportando para você, mas eu tinha essa ideia desde criança de que eu queria viajar por causa de diplomacia. Bom, diplomacia não virou, o jornalismo foi o que mais me trouxe essa esperança de viajar, eu demorei muito até para viajar, sabe, viajar para fora, e mesmo conhecer o Brasil. Demorei muito, foi graças ao jornalismo que eu comecei.

[23:15]
Já então, não errei tanto assim, né? Eu abandonei a ideia de diplomacia, mas eu não errei pensando que jornalismo poderia me abrir portas para viagens e a outra forma que eu sempre imaginei É que um bom jornalista, no caso, você citou um correspondente internacional, ele tem obrigação de saber mais que uma língua, né?

Pelo menos o inglês e o espanhol talvez então e eu me encontrei nesse mundo das línguas, o mundo dos idiomas onde eu tenho bastante facilidade, eu posso dizer então o primeiro idioma que eu estudei, meus pais me colocaram desde criança foi o inglês, depois eu fui estudar o francês na Aliança Francesa aí de Ribeirão Preto. Depois eu fui fazer italiano, depois eu fui estudar alemão também em Ribeirão na beira, eu acho que ainda existe é o Eba o Eba a a escola de alemão. Se não me engano ainda existe e depois por fim eu fui estudar.

[24:15]
Espanhol aqui em Nova York pela necessidade mesmo quando eu comecei a trabalhar na Kaplan, eu tinha que ter contato muito direto com as comunidades da Espanha daqui.

[24:30]
E eu não tinha eu tinha o portunhol, né? Que a gente se vira no portunhol, mas eu me senti na obrigação de estudar e é uma língua muito fácil depois que você fala outras e fui correr atrás do espanhol, mas obviamente se eu fosse assim uma candidata algum cargo de diplomacia isso Valeria muito ponto e também há uma posição dentro do jornalismo de internacional do jornalismo de correspondência que eu acho que isso é fantástico agora o ponto principal que eu sempre achei importante de uma língua e eu posso te dar um exemplo que aconteceu antes de ontem, eu tava com um grupo de brasileiros é Eles vieram de São Paulo, a mãe e o pai e uma moça que me contrataram para fazer um roteiro personalizado com um turquiado e tudo e eu encontro uns turistas que pediram para fotografar e eu percebi um sotaque francês, né? Fiz a foto deles e depois eu perguntei.

[25:30]
Onde vocês são? "*Where are you from?"*, perguntei inglês e eles falaram da Bélgica, eu comecei a falar francês e imediatamente à disponibilidade dessas pessoas para conosco, foi enorme assim, já que fizeram aí. "De onde vocês são?" Então para mim o papel da língua não só no aspecto para futuros, jornalistas e correspondentes internacionais. Eu acho que o aspecto do idioma ele ajuda também a quebrar a Barreiras culturais você ter essa proximidade humana que é sensacional, eu sempre

que tenho a experiência e ouço um alemão eu já começo a falar alemão e quebra, né? Essa frieza assim que existe entre os seres humanos. Então eu acho que a língua também tem essa particularidade que no meu caso sempre foi interessante, assim de saber que você pode numa padaria francesa e falar o francês, você vai com certeza ter um atendimento melhor, né? E então.

[26:30]
Imagine no mundo do jornalismo internacional sem dúvida é recomendo estudar e as línguas assim outros idiomas.

[26:38]
A: Patrícia agora, numa nota mais pessoal, queria perguntar um pouquinho da sua experiência como mulher e jornalista fora do país, como que foi isso dificuldades?

P: Não nenhuma, como eu dizia, aqui nos Estados Unidos, eu acho que a gente tá no nível, além, um nível mais eh, eu diria técnico e muito prático, aqui não existe muito não, eu não vejo pelo menos em Nova. Iorque tá então pode ser uma questão da Felicidade de morar numa cidade cosmopolita grande aberta Democrata é uma sociedade bastante flexível aqui onde eu né? Onde eu vivo com muita imigração de todo tipo de gente que mora aqui, nós temos 227 línguas sendo faladas em Nova York, então eu acho que aqui não seria o exemplo dos Estados Unidos. Mas falando sobre a minha experiência pessoal. Eu nunca tive problemas, absolutamente nunca tive qualquer comentário atravessado …

[27:38]
… ou um desprezo mesmo nos anos de Donald Trump sabe onde participava de alguns encontros e tal e nada disso, foi pelo menos em Nova Iorque, em relação a mim, a outra pergunta que sempre me fazem é a relação a ser brasileira, teve preconceito a isso mulher brasileira. Não também nunca senti na pele, eu nunca senti. Então acho que talvez, ou seja sorte, ou talvez seja a cidade, né André, porque é uma cidade muito aberta, muito, ela permite muitas trocas, né de pessoas, de culturas. Então esse é nesse sentido eu nunca tive problemas. Ainda bem.

[28:21]
A: Patrícia você se sentiu à vontade em compartilhar o seu sonho, então eu queria fazer o mesmo, retribuir né? O meu sonho, na verdade, é ser correspondente Internacional e morar em Nova York, sempre foi.

P: O seu caminho já tá feito!

A: Sempre foi morar em Nova York, então eu queria que você desse um conselho para nós, jovem jornalistas, que queremos exercer nossa profissão aí fora do país.

P: Bom estudar muito, né, André, eu se fosse sua professora e você pode considerar vamos imaginar voltar no tempo. Eu tô não na Unaerp, né nos anos 90 e eu sou sua professora estudar, eu acho que não sempre Estudar ler demais, eu acho que é muito importante ler tudo, ler jornal, ler artigo, ler livros de preferência. Se você tiver tempo. Leia. Não ficar naquela coisa da superficialidade, né, mas ficar ir mais a fundo e para estudar aqui para trabalhar aqui é ter que matar os americanos como se dizem né? Então você

[29:21]
Ser um diferencial ter um diferencial para poder eh contribuir para poder entrar nesse mercado primeira coisa entrar no mercado e segundo conseguir eh superar você vai conseguir se já quer se já é um desejo seja vai conseguir, viu? Tô torcendo para você!

A: Muito obrigado, viu, Patrícia. Olha e se as pessoas quiserem continuar conhecendo mais você, elas te encontram nas redes sociais, quais são suas redes?

P: É NY Step by Step, n y s t e p b y s t e p. Ou @pativitt, p a t i v i t t, que é o meu pessoal no Instagram. Pode me achar lá também, viu? Obrigada, muito obrigado.

A: Patrícia a nossa entrevista vai ficando por aqui. Eu sou o André Bettarello. Esse foi o Repórter Mundo, o episódio de …

[30:21]

… hoje eu espero muito que vocês tenham gostado e até a próxima.

[30:26]
Você acompanhou mais uma transmissão da Rádio Unaerp. Audiovisual, Andrei Violante, assistência, Neto Tubero e Jânio Warley, coordenação, Gil Santiago.